

Vitor Pereira Mendes

**Monografia do Movimento
Associativo do Município da Moita**



II

Alhos Vedros

Câmara Municipal da Moita

Ficha Técnica

Título Monografia do Movimento Associativo do Município da Moita - II Alhos Vedros **Autor** Vitor Pereira Mendes **Capa** Vitor Moinhos **Arranjo Gráfico** Belgráfica, Lda. **Revisão de Textos** Célia Soares e Teresa Silva **Fotografia** Arquivo Fotográfico C. M. Moita, Jornal “O Rio” e Arquivos das Colectividades **Edição** Câmara Municipal da Moita / Departamento de Acção Sócio Cultural / Divisão de Acção Cultural / Sector do Património **Nº de Exemplares** 1000 **Data** Novembro de 1999 **Impressão** Belgráfica, Lda. **Depósito Legal** 143394/99 **Distribuição Gratuita**

Vitor Pereira Mendes

**Monografia do Movimento
Associativo do Município da Moita**

**II
Alhos Vedros**

Câmara Municipal da Moita

1999

Preâmbulo

Promotor de múltiplas actividades culturais, desportivas e recreativas, tem sido ao longo dos anos o Movimento Associativo a nossa força agregadora das vontades populares, fiel parceiro na prossecução do desenvolvimento que o Município da Moita conseguiu já atingir. É, pois, como inteira justiça, que se vê a necessidade de deixarem escritas na memória de todos, muitas das suas realidades, dos seus mentores, da sua força construtora, de cada uma das colectividades que, no desenrolar dos anos, foram sendo implantadas, passo a passo, sócio a sócio, amigo com amigo, com muita perseverança e dedicação, por grupos de homens que tiveram a perspicácia de absorver que a vida em comunidade é sempre necessária. Hoje, não menos que ontem, com outras dificuldades que o quotidiano nos quer impôr, é a vontade dos homens e mulheres associativistas que fará com que este movimento tenha sempre um futuro continuado.

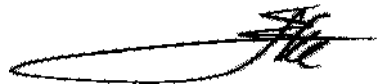
E de tudo isto se trata nesta Monografia do Movimento Associativo, neste 2º volume dedicado à Freguesia de Alhos Vedros e da autoria do nosso técnico antropólogo Vitor Mendes que recebeu, junto de todas as colectividades, as histórias e as fotografias que aqui conseguiu tão bem apresentar.

Em representação da cultura, do desporto, da educação e da acção social da Câmara Municipal da Moita, quero deixar expressos os meus sinceros agradecimentos a todos que, mostrando a sua disponibilidade, contribuíram com os seus conhecimentos ou documentação, para a obra que aqui se apresenta. Estes agradecimentos estendem-se também ao nosso artista Vitor Moinhos que mais uma vez se disponibilizou para nos oferecer a maravilhosa capa deste volume – já o tinha feito no 1º volume – e ainda à equipa de técnicos do Departamento de Acção Sócio Cultural que contribuíram para a sua realização, especialmente ao jovem autor, que com esta sua nova tarefa, demonstrou toda a sua dedicação e entrega a esta importante edição.

Deixo ainda o meu regozijo por ver continuada a maravilhosa história do Movimento Associativo do Município da Moita, afiançando que no próximo ano, será concluída com o levantamento a fazer pelas restantes 3 freguesias: Moita, Sarilhos Pequenos e Gaió/Rosário.

Para todos os Associativistas.

O Vereador do Pelouro da Cultura



José Manuel Fernandes



Sede.



ACADEMIA MUSICAL E RECREATIVA “8 DE JANEIRO”

Mudanças de sede e espaços exíguos são, muitas das vezes, condicionantes que levam os dirigentes a optar pelo declinar da manutenção dos arquivos. Na Academia Musical e Recreativa 8 de Janeiro, a perda dos arquivos onde se encontravam os registos de actividades culturais e desportivas, as decisões das assembleias e das direcções, os nomes das pessoas que trabalharam voluntariamente e deram o seu melhor pela colectividade, acarretou, inevitavelmente, a destruição da sua memória mais fiel.

Não existe documentação escrita que comprove os reais motivos do nascimento da Academia 8 de Janeiro mas, o que é

certo, através da história transmitida oralmente de geração em geração, esta terá surgido num contexto de polémicas ocorridas entre músicos da Sociedade Filarmónica Recreio e União Alhosvedrense (Velhinha). A cisão entre os músicos gerou, assim, uma vontade e determinação na edificação de uma colectividade, conforme aos anseios dos elementos saídos da SFRUA. À frente do movimento humano que respondeu à tarefa de criar a Academia 8 de Janeiro encontrava-se o Sr. Alexandre Santos Estrela, sócio fundador. Em 1964, a direcção da colectividade, reconhecendo o mérito daquele sócio dedicado, descerrou uma placa com o seu

nome no salão da Academia.

Fundada em 8 de Janeiro de 1936, a Academia Musical e Recreativa 8 de Janeiro tem os seus estatutos aprovados pelo Governo Civil de Setúbal desde 8 de Janeiro de 1938. A comissão para os estatutos foi constituída por Cristiano Guilherme, Andregino Valério Mota e Cipriano dos Santos Estrela.

Foi a Academia criada com os seguintes fins: “1º - Promover festas para recreio dos sócios e de suas famílias; 2º - Proporcionar aos sócios quaisquer outras diversões compatíveis com a sua fundação educativa e social, incluindo jogos lícitos;

3º - fazer funcionar na sua sede, aulas de dança, de canto, de música, de declamação e quaisquer outras que julgue convenientes para o desenvolvimento físico e intelectual dos seus associados; 4º - Possuir uma biblioteca e gabinete de leitura.” (art. 3º dos estatutos). Sobre a sua identidade cultural e cívica referem ainda os estatutos, no artigo 2º, o seguinte: “A Academia Musical e Recreativa “Oito de Janeiro” é uma instituição de carácter educativo e recreativo, absolutamente estranha a assuntos políticos ou religiosos, não sendo sobre eles permitida qualquer discussão ou dissertação.”



Colóquio Zeca Afonso - 1990.



Romagem à campa do poeta e cantor José Afonso - 1998.

A primeira sede da Academia 8 de Janeiro foi instalada na Rua 5 de Outubro. Condicionamentos vários levaram à mudança da sede para o antigo Cine-Teatro, situado na Avenida da Bela Rosa. Com a aquisição do cinema a Academia alargou o seu âmbito de actividades culturais à cinematografia. Durante 20 anos passaram cinema em Alhos Vedros. Na década de 60 voltaram a mudar de casa, instalando-se na sede que actualmente mantêm, sita na Rua de Dadrá, propriedade dos herdeiros do Sr. José Caiado.

Nos anos sessenta os destinos da Academia tomam um novo rumo, abrin-

do-se à discussão política e apoiando a luta anti-fascista. A Academia torna-se sede de intensa actividade política. Começam a ser presenças assíduas na Academia grandes personagens da democracia, entre as quais se destaca Zeca Afonso, com o qual a colectividade manteria uma relação de afinidade mesmo após a morte deste, ocorrida em 1987. A romagem que a Academia organiza todos os anos à campa de Zeca Afonso, em 23 de Fevereiro, é a expressão da amizade vigorosa que a colectividade nutre pelo poeta e cantor, do reconhecimento pela sua obra intelectual, mas também a perpetuação da memória de um

Academia M. R.
«8 de Janeiro»
Cine Teatro de Alhos Vedros
TELEFONE 10

DOMINGO
13 de Abril de 1962
A's 21,15 horas

Apresenta o melhor filme musical do ano!

Crepúsculo de Glória

Com a extraordinária **June Haver**, o célebre cantor **Gordon Mac Rae** e o extraordinário bailarino **Ray Bolger**.



A vida de brilhante estrela *Marceline Miller*, os seus triunfos, as suas emoções, os seus amores, o seu casamento! Num ritmo musical e acrobático, divertido e completo!

O Item do Espectáculo

Dois complementos — 3 partes
Crepúsculo de Glória — comédia musical — 12 partes

PREÇOS: Frisas, 35 800, 30 800 e 24 500; 1.º Balcão, 6 800; 2.º Balcão, 5 800; 1.ª Plateia, 4 800; 2.ª Plateia, 4 500; Geral 3 800.
(Incluindo o Socorro Social)

Marcacões pelo telefone Alhos Vedros, 10

Suspensa ou alterado o programa por qualquer motivo imprevisto, não se restitui a importância dos bilhetes

Quarta-feira, 11: *Abbott e Costello no México* e *Mulher Perigosa*.
A seguir: *Vingança de Mulher* e *Grande Amor* — *Tuaceo, Amor e Glória*
e *A Última Fêmeia* — *Abbott e Costello chegam de Azar*.

Tip. Comarcial — Telef. 100 — Barcelos — 1006 ex. — 9-4-1962

Cinema na Academia - anos 50.

homem que semeou e fortaleceu valores como a liberdade, a igualdade e a justiça. Com a luta política a noção de função cultural da Academia ganha outra amplitude. A cultura passa a ser entendida como toda a realidade que respeite à pessoa humana (saúde, liberdade, educação, realização). Para dinamizar a área cultural é organizada uma comissão constituída por Diamantino Patarata, António Cordeiro, Fernando Martins Coelho e Joaquim Raminhos. O arranque de uma biblioteca na Academia é o primeiro sinal de abertura aos novos tempos. Em Janeiro de 1967 são aprovados os regulamentos da biblioteca. A Comissão compromete-se a zelar pelo seu

funcionamento, conservação e ampliação. Integra-se no âmbito desta Comissão a promoção de palestras, projecção de filmes, festas e bem assim qualquer manifestação de índole cultural e criativa. Criou-se, para a manutenção da mesma, uma quota no valor de 1\$00. Para gerir a actividade da biblioteca foi formada uma Comissão Bibliotecária de que fizeram parte António Marques Peres, Leonel Eusébio Coelho, Arnaldo dos Santos Morgado, Manuel F. Santos Ventura, Carlos de Brito Melro, José Manuel Sequeira, António Manuel Cesário. Vezes sem conta, sofreu a biblioteca da Academia a visita da PIDE, instrumento censor, neste caso,



Equipa de Futebol 11 da Academia: “Os Académicos”.



Biblioteca.

das melhores leituras. Os livros “incómodos” eram confiscados pela polícia política. Não levaram todos. Hoje em dia a biblioteca ainda funciona, sempre que necessário, facultando cultura aos interessados. Da actividade literária promovida na colectividade destaca-se a edição do livro “Como quem assobia” e o “Poster de A a Z”, ambos da autoria de Leonel Coelho, e “Zeca Afonso presente”, de vários autores.

Sob a direcção da Comissão Bibliotecária têm início na Academia diversos colóquios e palestras que contam com a participação de figuras destacadas do meio intelectual. Poetas, dramaturgos, romancistas, músicos, compositores, actores, entre os quais Urbano Tavares Rodrigues, Mário Castrim, Alice Vieira, Areosa Feio,



Assistencia durante um Sarau de Ginástica.



Torneio de Ténis de Mesa Zeca Afonso.

Luis Stau Monteiro, Rogério Paulo, Adriano Correia de Oliveira, José Jorge Letria, Zeca Afonso, Padre Fanhais, Fausto, Júlio Roberto, João Santos, vêm à Academia falar e conversar, trocando conhecimentos, despertando consciências. “Nutrição”, “Cooperativismo e sindicalismo”, “Custo de vida” e sexualidade, assunto tabu para a época, são algumas das temáticas dos colóquios. “Traumatismos sociais”, com o Dr. Afonso de Albuquerque, foi outro dos colóquios realizados. As convocatórias eram secretas, pois na altura a PIDE andava ainda mais “assanhada”. A informação era passada de boca em boca.

Em 1972 a Academia compra uma máquina cinematográfica de 16mm. Pro-

gramam, então, sessões com a exibição de filmes conseguidos junto do Instituto Alemão ou na embaixada do Canadá.

A criança também foi uma das preocupações da Comissão Cultural, tendo-se realizado colóquios sobre psicologia infantil, passatempos infantis durante a semana mundial da juventude, festas de Natal e entretenimento com grupos de teatro infantil.

Entre as diversas actividades e animações já desenvolvidas pela Academia, contam-se ainda os bailes, diversos. Na década de 70, devido aos prejuízos, superiores aos benefícios, os bailes acabaram. Em 1975 a colectividade editou um boletim informativo.



Feira do Livro.

Ao longo da década de 60 a Academia foi, assim, cortando com um passado cultural feito de alguma inércia no campo social e cultural, organizando eventos que desafiavam o “sistema”. Com a Revolução dos Cravos o corte é definitivo. De Academia Musical e Recreativa, passa a tomar a designação de Academia Democrática e Popular de Alhos Vedros, nome que adoptou até 1978, ano em que retoma a denominação de origem.

Já passaram pela Academia modalidades desportivas como o rugby, xadrez, o basquetebol e a ginástica. A ginástica teve início em 1967, funcionando no quintal do antigo cinema de Alhos Vedros e tendo

Leonel Coelho como instrutor. Em 1981, após paragem, a Academia volta a activar a ginástica, que se manteve até à cerca de dois anos. Mas, entre todo o desporto praticado na colectividade, o que atingiu maior notoriedade foi o ténis de mesa, autêntica glória da Academia. Teve início em 1981 e mantém-se até hoje. Disputa actualmente o campeonato nacional da 2ª divisão em seniores. Tem também cadetes e iniciação. Durante 5 anos consecutivos a Academia colocou o seu prestigiado ténis de mesa entre os maiores da modalidade, disputando a 1ª divisão nacional. Em 1997, Manuel Romão, actual presidente da direcção da Academia, foi considerado o

melhor jogador a nível distrital. Leonel Coelho é o treinador da equipa. Todos os anos, desde 1991, sempre no 25 de Abril, organiza a colectividade o seu torneio de ténis de mesa, designado “Torneio de Ténis de Mesa Zeca Afonso”, em homenagem ao poeta.

Desde 1993 funciona na sede da Academia uma escola infantil com creche. Conta presentemente com 48 crianças. Consultas médicas também fazem parte dos benefícios que a colectividade presta a toda a população. Uma vez por mês, na área da psiquiatria e da psicologia, são asseguradas consultas, gratuitas, pelo Prof.

Afonso de Albuquerque e pela Dr^a Catarina Soares, abertas a sócios e não sócios.

A Feira do Livro

Em 1972 deu-se o arranque da primeira Feira do Livro de Alhos Vedros, um acontecimento cultural gerado pela vontade indomável dos dirigentes da Academia. Afrontar o regime, particularmente a PIDE e a censura, que não viam com bons olhos qualquer forma de dinamização literária das populações, constituía um tremendo desafio para a organização da Feira. Para a ditadura o livro era um elemento subversivo. Autores consagrados como



Prova de Ciclismo - Promoção da Feira do Livro.



Grupo Coral - Feira do Livro 1999.

Jorge Amado ou Miguel Torga, estavam, entre outros, excluídos da literatura ideal do regime. Para a Academia tratava-se de despertar e de abalar consciências, facultar certas leituras proibidas. Coragem e loucura foram, pois, as qualidades exigidas para se levar a efeito um evento que, em tudo, era contrário aos ditames do tempo de censura em que se vivia. A Feira do Livro de Alhos Vedros de 72 realizou-se num amplo movimento de debate e formação ideológica anti-fascista. Afrontou os poderes instituídos, expressando o sentimento de uma juventude já universitária que não se desobrigava de lutar pela liberdade mas, também, conseguiu demonstrar

que é possível fazer e manter uma colectividade apenas com as receitas geradas por um evento cultural.

A primeira Feira foi montada no Largo do Coreto. Seguiu-se, depois, a Avenida General Humberto Delgado. Mais tarde, no espaço onde está instalado o Núcleo Zeca Afonso. Desde os finais da década de 70 que a Feira está instalada no Largo do Mercado, junto ao depósito de água. Durante a realização das festas de Alhos Vedros a Academia também promove uma mini-feira, não deixando dissociar que qualquer festa é também uma festa da cultura, logo do livro.

Ao longo das suas 28 edições a Feira

tem sido animada com iniciativas de outras áreas artísticas e desportivas como exposições, folclore, fados, jogo do pau, ginástica, coros, música de intervenção, baile, passatempos e jogos, realizados pela Academia ou por outras colectividades e associações que também participam. Em 1999 o movimento associativo de Alhos Vedros organizou em conjunto, durante os dias da Feira, uma “Mostra Gastronómica das Associações da Freguesia de Alhos Vedros”. Nesta mesma edição, a Feira apresentou uma exposição comemorativa dos 100 anos do nascimento do poeta António Aleixo. Também já teve artesanato ao vivo:

barro, cestaria e latoaria. A quermesse é um dos aspectos que retratam com clareza a envolvimento da população de Alhos Vedros na realização da Feira do Livro. Inúmeros objectos são doados pelos alhosvedrenses, que depois voltam a participar nos sorteios. Entre 1975 e 1986, numa prática promocional da Feira, chegou a realizar-se uma prova de ciclismo que alcançou bastante prestígio e adesão popular. Joaquim Gomes, vencedor da Volta a Portugal, triunfou também em Alhos Vedros. De 1975 a 1983, antecedendo a Feira, como que a estimular consciências para o debate político, decorre-



Artesanato na Feira do Livro.

ram as Jornadas Marxistas-Leninistas.

A Feira no seu início contou apenas com uma distribuidora. Hoje, já conta com a adesão de 15 editoras nacionais. Os livros são escolhidos pela organização, através de catálogo. Por vezes, recrutam-se os livros atendendo às sugestões dos leitores.

O livro infantil é uma componente importante da Feira. Mais de metade dos livros expostos são dedicados à população mais nova, crianças e adolescentes, os mais entusiastas da Feira. Mas há também o romance, a poesia, o ensaio, o teatro, a filosofia, livros técnicos e académicos, entre outros. São cerca de 4000 títulos com

descontos atractivos (20%).

A Feira do Livro conta na organização com a participação de 50 pessoas entre adultos, jovens e crianças. Os apoios são da Câmara Municipal da Moita, Junta de Freguesia de Alhos Vedros, Instituto da Juventude, Região de Turismo da Costa Azul, Governo Civil de Setúbal e, principalmente, da população alhosvedrense.

A associação tem actualmente cerca de 300 sócios

À frente dos destinos da Academia, integrando os corpos gerentes em exercício, encontram-se: José Augusto Gil do Nascimento (presidente da Assembleia



Panorâmica dos expositores.



Exposição na Academia sobre o poeta António Aleixo - Feira do Livro 1999.

Geral), Maria das Dores Baltazar Coelho Nascimento (1º secretário), Mário Paulo Faísca Nogueira (2º secretário), Manuel Romão Afonso Carvalho (presidente da Direcção), Dulce Alexandra da Silva Baltazar (1º secretário), Maria Luísa Horta Félix Costa (2º secretário), Leonel Eusébio Coelho (tesoureiro), Carlos Leonor,

Afonso Duarte da Silva Lopes, Deolinda Gonçalves da Silva, António Pedro Araújo Santos e Manuel Figueira Carvalho (vogais), Fernando Marques Pires (presidente do Conselho Fiscal), Severiano dos Santos Marques (secretário), Rui Manuel da Cruz Cabrita (relator).





Projecto da nova Sede.



ASSOCIAÇÃO AMIZADE ARROTEENSE

A ideia da fundação de uma colectividade naquela zona das Arroteias, nasceu de um grupo de amigos que organizaram uns bailes populares frente ao Café Torres, sem qualquer perspectiva de lucro e tendo apenas como único fim proporcionar à população local alguns momentos de convívio e de diversão. Os bailes geravam, no entanto, algumas receitas, que o grupo depois das contas apuradas entregava, num gesto de solidariedade, a instituições como a CERCIMB e a Santa Casa da Misericórdia de Alhos Vedros. Em 1987, após 3 anos consecutivos de iniciativas, José Guerreiro da Silva, Rodrigo Nogueira, José Manuel Morim, Eduardo Guerreiro, Antó-

nio Medeiros, António Vilão, Libertino Matos, João Pinto e Silvino Lima, decidem pela constituição de um clube. Na escritura da associação, realizada no Cartório Notarial da Baixa da Banheira, em 13 de Abril de 1988, constam os nomes de José Manuel Marques Morim, Rodrigo Henrique Caeiro Nogueira e Silvino António Pessena Lima. Fundada em 11 de Abril de 1988, a Associação Amizade Arrotense manifesta nos seus estatutos os seguintes objectivos: “...promoção cultural dos sócios e da população das Arroteias, em particular da sua juventude, através da educação cultural, física e desportiva e da acção recreativa.”.



Recinto de bailes - 1990.



Bar no recinto do baile - 1990.

Os primeiros corpos gerentes, eleitos em 15 de Julho de 1989, foram constituídos pelos seguintes elementos: José Sebastião Guerreiro da Silva (presidente da Assembleia Geral), Vitor Rosa (vice-presidente), António Vilão (secretário), Silvino António Pessena Lima (presidente da Direcção), Francisco José Relvas Amante (secretário),

José Manuel Marques Morim (tesoureiro), Rodrigo Henrique Caeiro Nogueira (vogal), Inácio Galante Ribeiro (vogal), Eduardo Albino Guerreiro (presidente do Conselho Fiscal), Antónia Catarina Falé Lagarto (secretária) e Joaquim Bernardino Ramos (relator).

A primeira sede da colectividade foi provisória. O endereço era a morada de um associado, na Rua Carlos Mardel, nº 21, Arrozeias. A sede actual é na Rua 6 de Março, num espaço muito precário, que resultou do aproveitamento de um restaurante de feira, doado por um particular. A nova sede, orgulho de todos os sócios, está em construção desde 1996. Com trabalho voluntário tem avançado ao ritmo possível, conforme os subsídios que vão surgindo, por parte da Câmara Municipal e da Junta de Freguesia, os donativos de particulares e dos associados e o bar, principal fonte de receitas. O terreno foi cedido pela Câmara Municipal, em direito de superfície. Depois de concluídas, as novas instalações contemplam ginásio para a prática de diversas modalidades, palco para teatro, com potencialidade para projecção de filmes, bar e outros serviços.

Os bailes, que estiveram na origem da associação, têm mantido a sua tradição na animação da população das Arrozeias. De Junho a Julho, na área onde está a ser construído o pavilhão desportivo da nova sede,

costumam realizar-se, ao ar livre, os habituais bailes por altura dos santos populares. De referir que foi só a partir de Junho de 1990 que os bailes tiveram realização no espaço da actual sede. Nos primeiros anos da colectividade o Carnaval também chegou a ser festejado. Os bailes tiveram lugar num armazém emprestado. Igualmente, com o mesmo sucesso, organizaram-se passagens do ano e Baile da Pinha. Para a animação musical eram contratados, geralmente, conjuntos, organistas e acordeonistas.

O primeiro convívio organizado pela Associação Amizade Arroteseense realizou-se junto à escola nº 2 das Arroteias, frente ao restaurante “O Trilho”. Foi um piquenique, que incluiu animação com ranchos, cavalhadas, olaria e jogo de futebol.

A Associação Amizade Arroteseense é filiada na Associação de Atletismo de Setúbal, desde 5 de Setembro de 1994. Possui secção de atletismo, criada em 1994. A prova de estreia do atletismo foi em Palmela, no 12º Grande Prémio de Palmela, em 22 de Maio de 1994. Como títulos oficiais, a nível colectivo, a associação foi campeã regional de pista no escalão de iniciados masculinos, em 1996. Desde a sua criação até esta data a secção de atletismo já participou em mais de 100 provas, entre federadas e populares, não só no Concelho da Moita e limítrofes, mas



Comemorações do 4.º Aniversário.



Uma das equipas de futebol 11 da AAA.

também noutras regiões do país de que se destaca Évora, Lagos, Lagoa de Santo André, Odemira, Grandola, Azambuja, Sintra, Alverca e Amadora. A secção, dirigida por Paulo Ramos e Arlindo Rodrigues, organiza todos os anos, desde 1995, o Grande Prémio de Atletismo da Associação Amizade Arroteseense. Para deslocação dos atletas e dirigentes, a associação



Entrega de prémios do Grande Prémio de Atletismo.

adquiriu uma viatura, que cede, quando possível, a outras colectividades.

Mais recentemente, já este ano, foi dinamizada na colectividade uma secção de cicloturismo, que fez a sua apresentação no Raid de Cicloturismo “Os Reis do Pedal”, em 23 de Maio, na Moita.

Em Junho de 1989, a Associação Amizade Arroteseense editou o boletim informativo “O Alerta”, fotocopiado pela Junta de Freguesia de Alhos Vedros. O boletim abordou diversos assuntos relacionados com a vida da colectividade, outros de carácter mais geral e passatempos. Por motivos que se prendem com a existência em circulação de um órgão informativo com o mesmo nome, adopta, a partir do nº 2, a designação de “Amizade”. O boletim

era numerado, expediente que servia para a promoção de sorteios e concursos, organizados com patrocínios. A feitura do “Amizade” tinha como responsável Francisco Relvas, e contou com a colaboração de J.M. Marques, Antónia Catarina, Maria Luísa Coelho, Jacinto Branco, Francisco Pinto e Luís Guerreiro. À data da saída do primeiro número, Julho de 1989, a associação possuía 100 sócios. Ao fim de um ano, Maio de 1990, data da última aparição de “O Amizade”, já são 200 os sócios da Associação Amizade Arroteseense.

As excursões também se encontram entre as iniciativas de recreio e convívio que a colectividade dirige aos sócios. Em 1994 e 1995 organizaram duas excursões a Évora, à Feira de S. João, e às piscinas municipais.

A colectividade não possui equipa de futebol. No entanto, não constitui esse facto obstáculo a que os associados possam praticar a modalidade, integrados em equipas da Associação Amizade Arroteseense. Seja em futebol de cinco, futebol de salão ou futebol de onze, desde que haja vontade de participação por parte dos associados, a colectividade inscreve equipas em torneios populares. Participaram nos Jogos Juvenis do Concelho da Moita. Num torneio, em Coima, conquistaram uma taça “Amizade”.

A preocupação em trabalhar com e para



Campeões Regionais em Atletismo, escalão iniciados - 1996.

os jovens, tem sido uma constante da associação. Não só organiza iniciativas dirigidas especificamente às crianças - gincanas e provas desportivas - como colabora em actividades com a escola básica de 1º ciclo, nº 2, das Arroteias.

A colectividade dinamiza, ainda, malha grande, dominó, damas, cartas e jogo do burro.

A Associação Amizade Arroteseense é membro da Associação Humanitária de Bombeiros (Bombeiros Voluntários da Moita) e está filiada, com o nº 1751, na Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio.

Actualmente possui perto de 500 sócios. Faz parte do secretariado do Movimento Associativo da Freguesia de Alhos Vedros.

Os actuais corpos gerentes da colectividade são constituídos por Manuel Jacinto Grenho (presidente da Assembleia Geral), José Manuel Belém Aleixo (1º secretário), Silvino António Pessena Lima (2º secretário), Inácio Galante Ribeiro (presidente da Direcção), José Joaquim Ripado Grega (vice-presidente), Nuno Miguel Miranda da Angela (tesoureiro), Arlindo Miguel Rosado Rodrigues (1º secretário), Nelson António de Jesus Palma Gaspar (2º secretário), Carlos Manuel Mimoso Oliveira (vogal), José Paulo Ângelo Cabaça Guerreiro (vogal), Victor Manuel da Conceição Pedro (vogal), Álvaro Inácio da Silva (vogal), Manuel António Paisana Canas (presidente do Conselho Fiscal), José Bernardino Valadas (secretário) e Hélder Henrique Rosa Silva (relator).



Sede.



ASSOCIAÇÃO DE DESPORTOS NÁUTICOS ALHOSVEDRENSE “AMIGOS DO MAR”

Com o declínio das actividades tradicionais associadas ao Tejo, os grandes barcos foram descansando esquecidos nas margens e o Cais de Alhos Vedros perdeu o ritmo vivo de trabalho árduo que sempre caracterizou o quotidiano das gentes ribeirinhas. A vida deslocou-se lentamente para outras paragens. A navegação no Tejo e o ânimo no Cais tornou-se cada vez mais coisa de memória, recordações teimosas, privilégio de cada vez menos alhosvedrenses. Foi a pensar em quebrar o esquecimento e o abandono a que o cais parecia votado que nasceu a Associação de Desportos Náuticos Alhosvedrense “Amigos do Mar”.

A nostalgia da agitação do quotidiano perdido foi uma das motivações presentes no movimento que gerou a colectividade mas, também, devolver a dignidade e importância ao secular Cais de Alhos, aproximar a população da zona ribeirinha através da realização de actividades regulares, afirmar a zona ribeirinha como espaço de lazer, incentivar e incrementar a prática de desportos náuticos e a recuperação e conservação de embarcações tradicionais, importaram no sentimento dos fundadores.

A formação dos “Amigos do Mar” passou pela criação de uma comissão, que se encarregou de conduzir todo o processo



1.ª sede dos Amigos do Mar.

formal de elaboração dos estatutos e legalização da associação. A comissão foi constituída por Rui Joaquim Rosa Madeira, Hipólito Augusto Moura, Alexandre Faísca, Júlio Cordeiro, Domingos Guerreiro, Jaime Rendeiro Gomes, António José da Silva, Fernando Almeida, Rui Soledade, José Manuel Tavares Lopes. As primeiras reuniões tiveram lugar nos bancos do jardim do Cais do Descarregador. A primeira Direcção da colectividade foi eleita em Assembleia Geral que se reuniu no salão da Junta de Freguesia de Alhos Vedros. Um armazém de ferro velho e sucata, localizado à saída de Alhos Vedros, também serviu para a realização de reuniões da Direcção então eleita, composta por Júlio Luís Almeirão (presidente da Assembleia Geral), João Estrela

Louro da Cruz Horta (1º secretário), Helder António Mendes Cabrita (2º secretário), Jorge Lopes Fernandes (presidente da Direcção), Júlio da Costa Delgadinho (vice-presidente), Alexandre Faísca dos Santos (1º secretário), Júlio Cordeiro dos Santos (2º secretário), António Ratinho Gonçalves (tesoureiro), Domingos Guerreiro dos Santos (relator), Fernando Lourenço Almeida (vogal), Henrique Carvalho Oliveira (vogal), António Soares Cometa (vogal), Jaime Rendeiro Gomes (presidente do Conselho Fiscal), José Luís Barbacinhas (1º secretário) e José António Rosa Nobre (2º secretário). A denominação de Associação de Desportos Náuticos Alhosvedrense “Amigos do Mar” foi uma solução de consenso, encontrada entre os que preferiam “Associação de Desportos



Inauguração da nova sede.



Interior da sede.

Náuticos Alhosvedrense” e os que se inclinavam para a designação “Amigos do Mar”. A angariação de fundos e de novos sócios contam-se entre as iniciativas promovidas pela Direcção, que montava, todos os anos, um bar durante a Festa de Alhos Vedros. Em 15 de Julho de 1988 pediram a inscrição no Registo Nacional de Pessoas Colectivas. A fundação foi em 17 de Maio de 1988. No artº3, ponto 1º, consta as seguintes atribuições da associação: “A Associação Desportos Náuticos Alhosvedrense – “Amigos do Mar” – é uma associação humanitária de instrução e recreio náutico, desportivo e cultural.”. O terreno onde está implantada a sede é pertença da Administração Geral do Porto de Lisboa, a quem a associação paga uma renda anual – uma taxa sobre a área construída e outra taxa sobre a área descoberta.



Concurso de Pesca na Ilha do Rato.



Barcos engalanados.

Para funcionar como sede da colectividade foi comprado um contentor usado que depois de devidamente recuperado e com instalação eléctrica veio a funcionar ainda como bar, sala de reuniões, arrecadação, cozinha para petiscos. Anexa ao contentor havia instalada a esplanada antiga. Funcionava durante o dia e ao fim de semana. Foi, durante anos, a fonte de receita mais segura da associação.

Em 1996 começam as obras da sede nova. O projecto foi fornecido pela Câmara da Moita, que também apoiou financeiramente a construção. Da Junta de Freguesia de Alhos Vedros e com a candidatura à

DGOT vieram mais subsídios. Diversos particulares, sócios e não sócios, e empresas locais concederam importantes donativos, contribuindo, assim, para a construção da mesma. A mão de obra voluntária dos sócios, cada qual com a sua especialidade, foi também determinante na edificação da sede. Em 1998, ano em que a associação completou 10 anos de existência, a obra estava concluída e pronta a ser inaugurada. A cerimónia da inauguração decorreu no dia 23 de Maio. O presidente da Câmara, João de Almeida, descerrou a placa comemorativa do acto. Uma prova de canoagem e um almoço de

convívio completaram a festa da inauguração.

No horizonte da associação está agora a ampliação da sede, que prevê a instalação de um restaurante e a construção de um hangar onde os associados possam guardar os apetrechos dos barcos, motores, remos.

Inúmeras iniciativas têm sido desenvolvidas pelos “Amigos do Mar”. Em 1991, na Biblioteca Municipal Zeca Afonso, organizaram uma exposição com miniaturas de barcos e que contou com a participação de mais de 30 embarcações. Representavam embarcações típicas da

Moita, Sarilhos Pequenos, Barreiro, Alhos Vedros . A exposição fez parte do programa da Festa de Alhos Vedros. Participam habitualmente na comissão organizadora dos Jogos Juvenis do Concelho da Moita.

A preocupação com a beleza do espaço envolvente é marcante. Com alguma frequência a colectividade costuma organizar a limpeza das lamas que se fixam junto às muralhas.

Em 1993 organizaram uma exposição no moinho de maré subordinada ao Tejo. O destaque foi para as artes, ofícios e utensílios utilizados na faina ribeirinha.

A aproximação das novas gerações ao



Prova de canoagem.

rio tem sido uma opção insistente e louvável por parte da associação. Em 1994 promovem um concurso subordinado ao tema “O Homem e o Rio”, dirigido às crianças das escolas do concelho, que apresentaram trabalhos bem elaborados com colagens, montagens, maquetas, desenhos, entre outras expressões. Posteriormente, organizaram uma exposição com os trabalhos, no Moinho de Maré de Alhos Vedros, tendo sido entregue diverso material didáctico como prémio. A exposição foi incluída no 6º aniversário da associação.

Possui, também, uma escola de vela e

de canoagem. Regatas, demonstrações de vela e o tradicional concurso de enfeites de barcos típicos durante as festas de N^a Sr^a dos Anjos, são iniciativas regulares realizadas pela associação.

A gastronomia característica das zonas ribeirinhas também tem inspirado os directores da colectividade, não só pela divulgação de uma identidade mas também pela convivência entre os sócios. No primeiro ano de actividade, a associação organizou um convívio com sardinhada, na Ilha do Rato. Nos anos posteriores, o convívio já foi incorporado num concurso de pesca,



Regata de Optimist.



Regata de Canoas e Catraios.

realização mais vasta, que tem conseguido grande adesão. A caldeirada, momento habitual de confraternização dos sócios durante a Festa de Alhos Vedros, passou para o dia de aniversário dos “Amigos do Mar”.

Em 1999, a direcção da associação distribuiu placas comemorativas, expressando o seu reconhecimento aos que muito ajudaram a Associação de Desportos Náuticos Alhosvedrense “Amigos do Mar”.

Os “Amigos do Mar” são, desde 1998, membros da Federação Portuguesa de Vela e da Associação Regional de Vela do Centro.

Nesta data conta a associação com

cerca de 400 sócios.

Os corpos gerentes para o exercício de 1999 são constituídos por Albino Romão (presidente da Assembleia Geral), José Henriques Coreia (1º secretário), José Sousa Oliveira (2º secretário), Jorge Lopes Fernandes (presidente da Direcção), Olímpio Correia (vice-presidente), João Paulo Valente (1º secretário), Manuel José Feitinha (2º secretário), António José Monteiro, Manuel Francisco Ferreira, Júlio Costa Delgadinho e Joaquim Serrano Matias (vogais), Alexandre Faísca Santos (presidente do Conselho Fiscal), Carlos Manuel Assunção (1º secretário) e João Canudo (2º secretário).



Sede.



CENTRO CULTURAL E RECREATIVO UNIÃO PIRES

Foi a partir de uma tradição de convívio entre amigos, que incluía jogo de futebol seguido de almoçarada, com realização habitual em 15 de Agosto, que surgiu a ideia da formação de uma associação no Bairro Francisco Pires. Em vez de um encontro de amigos anual a constituição de uma sede própria poderia proporcionar um encontro todos os dias. No início, o grupo tinha pouco mais de meia dúzia de pessoas. Em 1979, ano em que decidem edificar a colectividade, já eram mais de 40. O jogo desenrolava-se no terreno do Sr. Francisco Pires. O que era apenas um motivo para fazer um pouco de ginástica atrás de uma bola e depois saborear o

prazer de estar à mesa discutindo as peripécias do jogo, transformou-se numa ambição mais alargada e meritória. Zona de construção clandestina, o Bairro Francisco Pires não possuía qualquer equipamento onde a população pudesse desenvolver iniciativas culturais. Foi uma carência que reforçou ainda mais a determinação do grupo em conseguir uma sede. Nasceu, assim, da maneira mais louvável que podem nascer as colectividades, da vontade das pessoas em estar e fazer em conjunto, com e para a comunidade, o Centro Cultural e Recreativo União Pires.

Nos estatutos aprovados, no artigo 2º, em consonância com o espírito dos funda-



Equipa de futebol no aniversário da colectividade - 1991.

dores, ficou consignado o âmbito de intervenção da colectividade: “Tem por fim a promoção cultural dos sócios, através da educação cultural, física e desportiva e a acção recreativa, visando a sua formação humana e integral, encontrando-se aberta a pessoas de ambos os sexos.”.

Depois de 5 anos de trabalho voluntário da população, que fez as fundações e levantou as paredes, que cedeu diversos

materiais de construção civil e participou na angariação de fundos, a sede tinha ganho as suas proporções e estava pronta a ser inaugurada. O Sr. Francisco Pires, sócio nº 1 e de mérito, foi quem cedeu o terreno para a sede, gratuitamente. A Junta de Freguesia de Alhos Vedros ofereceu a tubagem da água. Inicialmente, a colectividade tinha programada a inauguração para o dia 25 de Abril de 1984. No entanto,



Equipa feminina de futebol (casadas) - 1991.



Futebol para jovens nas comemorações no aniversário da colectividade.

o entusiasmo da população, que não resistiu a esperar mais um dia, fez a colectividade nascer a 24 de Abril.

Todos os anos, a 24 de Abril, a colectividade celebra o seu aniversário com um vasto programa comemorativo que inclui espectáculos, bailes, jogos tradicionais, provas desportivas e jogos de futebol, além do almoço convívio da sessão solene.

As actividades organizadas pelo Centro Cultural e Recreativo União Pires para dinamizar culturalmente a população tiveram lugar muito tempo antes da sede estar construída. Festejos dos santos populares, bailes, jogos tradicionais (cavalhadas, jogo da bilha, pau de sebo, corridas de sacos), atletismo e futebol, muitas e diversas foram as iniciativas que contri-

buíram para formar e consolidar o espírito da colectividade. Mas a primeira actividade desportiva do Clube foi uma competição de chinquilho. Na sede, a secção do chinquilho possui mesmo uma pista para os treinos e competições. Participam no torneio de Chinquilho a nível concelhio, malha pequena, que tem agendada a final na Festa do Avante.

Desde a data da sua fundação a colectividade tem abrangido, nas suas iniciativas, a organização e a participação em actividades muito diversificadas. Em 1991, aderiram ao Carnaval da SFRUA “A Velhinha” com um carro alegórico. Participaram a nível não federado em diversos torneios de futebol. Em 1 de Julho de 1996 decorreu na sede do Centro Cultural e



Jogo da Bilha.



Entrega de troféus da prova de atletismo.



Baile.

Recreativo União Pires a cerimónia do Dia das Colectividades da Freguesia de Alhos Vedros. Em 1998 organizaram o seu próprio torneio de futebol de Verão, que registou a comparência competitiva de equipas da Moita, Alhos Vedros e Bairro Gouveia. Os bailes, de fim-de-ano e da Pinha, são parte integrante e inalienável das animações da colectividade. O cinema foi outro dos eventos culturais que passaram pela associação.

Na sede do Centro é proporcionado aos associados um vasto conjunto de entretemimentos que inclui o jogo de cartas, ténis-de-mesa, dominó, xadrez e snooker.

A dinamização cultural e desportiva da população juvenil e infantil do Bairro Francisco Pires, tem sido subscrita por todas as direcções que passaram pelo Centro como uma das determinações mais essenciais do trabalho da colectividade. Nesta área, o concurso de máscaras infantis, durante o Carnaval, ou a prova de atletismo do dia 25 de Abril, seguida de lanche e entrega de prémios, constituem duas das iniciativas mais animadas e significativas para os mais novos, proporcionando momentos únicos de distração lúdica e de saudável convívio. Outra modalidade com presença assídua nas organizações do Centro é o futebol infantil, fazendo parte do programa de comemorações do aniversário da colectividade. O teatro infantil

também já se exibiu no Centro, tendo sido encenada uma peça que encantou toda a assistência. A importância do Centro Cultural e Recreativo União Pires na formação cultural, desportiva e cívica dos jovens do Bairro Francisco Pires é uma opção a reforçar. Nos projectos da remodelação da sede, já aprovados em Assembleia Geral de sócios, os jovens vêm acrescido o seu espaço vital de utilização com mais duas salas, contemplando uma prática de ginástica.

Os primeiros corpos gerentes do Centro Cultural e Recreativo União Pires tiveram a seguinte constituição: Firmino Cruz (presidente da Direcção), Isidoro Graça (vice-presidente), José Luís Pacheco (tesoureiro), José Mateus (presidente do Conselho Fiscal), Vitor Gaspar e João Neto.

À frente dos destinos do Centro, neste

ano de 1999, encontram-se Carlos Gaspar (presidente da Direcção) Isidoro Graça (vice-presidente), Luís Cabral (tesoureiro) Fernando Sequeira (secretário) e Ricardo Domingos, Luís Gonçalves, Domingos Delgado, José Simão, Agostinho Silva, Manuel Alfaiate, Alberto Domingos e Vitor Gaspar, todos vogais. O Conselho Fiscal é composto por Vitor Carrilho (presidente), Alberto Pires (secretário) e José Tomé (relator). A presidir a Mesa da Assembleia Geral, João Gaspar da Chica, Júlio Gaspar (vice-presidente) e António Dias (secretário).

Neste momento o Centro Cultural e Recreativo União Pires possui 322 sócios. Desde 23 de Novembro de 1988 é associado da Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio, com o número 1177.



Gincana de bicicletas.



Campo de Tiro.



CLUBE DESPORTIVO OS ROLOS

Foi a paixão pelas armas de caça que determinou o nascimento do Clube Desportivo Os Rolos. Antes da abertura da caça, havia que afeiçoar o corpo à arma e afinar a pontaria. Após o encerramento do período de caça, havia que dar continuidade ao prazer de disparar. Primeiro, vieram uns tiros por brincadeira, no terreno do Sr. António João da Silva. Mais tarde, o grupo foi-se alargando e tomando gosto pela competição. António Rolo e António Manuel Rolo tomam, então, a iniciativa de pedir emprestado à “Celestino Rei”, espingardaria de Palmela, uma máquina de pratos, que instalam no terreno cedido. Começam a convergir espontaneamente ao

local os adeptos do tiro-aos-pratos. No início, a experiência decorreu somente aos fins de semana. Mas os mais entusiastas depressa exigiram uma competição mais séria bem como a possibilidade de praticar tiro também aos outros dias da semana. Para entrar nos campeonatos organizados pela Federação Portuguesa de Tiro com Armas de Caça os atiradores avançaram para a criação de um clube de tiro.

A associação “Clube Desportivo Os Rolos” foi constituída em 3 de Fevereiro de 1988. Foram sócios fundadores António Miranda Marques Rolo, António Manuel Nora Rolo, Mariana Rosa da Silva Nora, Mário Rosa Silva Nora Marques, Jorge

Fernando da Silva Nora Marques Rolo, Ana Paula Marques da Silva Nora, Luís Filipe Marques da Silva Nora, Avelino Henrique da Silva, Eduardo Jorge Ribeiro, Delfim Santos da Costa. Tem por fim “... a prática desportiva do tiro com armas de caça, visando, fundamentalmente, a promoção desportiva, recreativa e cultural dos seus associados e população local.”

Neste momento o Clube Desportivo Os Rolos tem 442 atiradores federados e é, desde 1994, o clube com maior representação federada nacional.

À frente dos destinos do Clube

Desportivo Os Rolos encontram-se António Miranda Marques Rolo, presidente da Direcção, António Manuel Nora Rolo, vice-presidente, e Vitor Manuel Nora Rolo, Tesoureiro.

Entre os brilhantes resultados alcançados pelos atiradores do Clube Desportivo Os Rolos destacam-se: um 1º Lugar em trap, no Campeonato de Portugal, em 1994; 1º lugar, em fosso universal, no Campeonato de Portugal; 2º lugar, em trap, no Campeonato de Portugal; 3º lugar, fosso universal, campeonato regional Sul, em 1998; 2º lugar Campeonato de Portugal,



Dia de Torneio.



Entrega de prémios.

trap, em 1996; 3º lugar campeonato regional Sul, fosso universal, 1999; 3º lugar fosso olímpico, campeonato regional Sul, em 1998; 2º lugar, fosso universal, campeonato regional Sul, em 1998.



Atirador.

Em 1999, o Clube Desportivo Os Rolos organizou o 1º Grande Prémio de Tiro “Município da Moita”, integrado nas comemorações do 25º aniversário do 25 de Abril .





Sede.



CLUBE RECREATIVO SPORT CHINQUILHO ARROTEENSE

A génese do Clube Recreativo Sport Chinquilha Arroteseense é um dos exemplos típicos do espírito abnegado e elevado de homens que consagram grande parte do seu querer e da sua força de vontade a lutar pela melhoria das condições de vida da população, no seu desenvolvimento intelectual e cultural, dispendo-se mesmo a alienar parte do seu património à comunidade.

Em 1946, Henrique Valente, no local onde hoje está implantada a sede da colectividade, possuía uma pequena casa com um terreno anexo, sem qualquer ocupação. Era, pela sua localização, um espaço óptimo para a realização de uns bailaricos,

para proporcionar aos arroteseenses uns momentos de convívio saudável. A casa não tinha tecto e o piso era em terra batida. Não obstante as condições do recinto serem pouco famosas, os bailes realizavam-se todos os fins-de-semana, arrebatando emoções, cativando a memória de quem os viveu. Como não havia electricidade, que só chegou em 1965, os bailes eram iluminados a candeeiro a petróleo. Quando faltava o petróleo, pois os bailes duravam toda a noite, fazia-se uma colecta junto das habitações mais próximas. Mais tarde, o Clube comprou um gerador para a iluminação interior. Os bailes eram abrilhantados por conjuntos e acordeonistas.



Antiga sede da colectividade.



Acordeonista no Chinquilho Arroiteense - Anos 50.

Naquele tempo o regime mostrava-se encarniçado nas perseguições políticas. Para Henrique Valente, Sebastião Valente e Júlio Ferreira, contestatários da ditadura e que conheceram as prisões do regime, uma colectividade poderia colher, além das actividades culturais, actividades políticas. Fizeram ainda algumas reuniões políticas no Chinquilho, longe dos olhares e das escutas da polícia política. No entanto, por força da vigilância apertada e da frequência assídua da polícia na colectividade, as reuniões mudaram de local.

Para formar a colectividade foi necessário angariar 100 sócios. Na altura, nas Arroiteias, a vida era predominantemente rural. Poucas pessoas tinham casa própria. O sítio possuía cerca de 10 habitações familiares e o resto da população vivia agregada às fazendas, afectas à exploração agrícola. Mas, entre todos os arroiteenses, conseguiu-se os 100 sócios para fundar a colectividade. Foram sócios fundadores: Henrique Valente, Sebastião Valente, António Simplício, Manuel Pires, José Valério, João Pinheiro, Manuel Mendes, Susano Santos, Manuel Sousa, José Manata, José Faquinha, Manuel Carregosa e Júlio Ferreira. A associação foi fundada em 1 de Novembro de 1949. O artigo 2º dos estatutos define os fins para os quais a colectividade foi criada: “A Colectividade, sem caracter partidário e/ou religioso, com

duração por tempo indeterminado tem como principais fins a promoção e desenvolvimento do desporto, de cultura e do recreio.”

A relação íntima e carinhosa que o Clube sempre manteve com a população das Arroteias foi reconhecida por esta que, através da Comissão de Melhoramentos do Bairro das Arroteias, em 20 de Novembro de 1966, entregou à colectividade, em cerimónia oficial, um estandarte.

O chinquillo e o jogo do pau foram as primeiras modalidades a funcionar como secção na colectividade. No chinquillo, a malha grande foi, de princípio, a eleita. Mas desde há 35 anos que a colectividade



Conjunto de baile.

adoptou a malha pequena. Tem a secção inscritos cerca de 20 atletas e participa com duas equipas no campeonato organizado pelas colectividades do concelho que



Baile.



Marchas populares no primeiro cortejo de oferendas, grupo masculino.



Marchas populares no primeiro cortejo de oferendas.

possuem malha pequena. Ocasionalmente, também marcam presença em torneios particulares. O jogo do pau partiu da iniciativa de Henrique Valente, que se tornou o mestre. A primeira fase da modalidade na colectividade durou até 1958, altura em que foi interrompida por luto do mestre. Em 1996 a direcção decidiu reactivar o jogo do pau, constituindo uma secção coordenada por Idalino Marcelino, Valter Pires e Renato Torres. Fernando Pires tomou a orientação do grupo como mestre. Em 1999, a orientação técnica da modalidade é entregue a Dário Cardoso e a Paulo Teixeira. Nesta altura, o jogo do pau no Clube Recreativo Sport Chinquilha Arroteseense já conta com 12 praticantes. Participaram em várias demonstrações, no Algarve, em Portimão e em Lisboa, no Encontro Internacional do Jogo do Pau do Ateneu.

A instrução literária dos sócios foi, também, uma das atenções prioritárias do clube, tendo-se formado uma comissão bibliotecária, constituída por Tomé Manuel Pires e Sebastião Valente, para gerir o funcionamento da biblioteca. A sala da biblioteca foi criada em 1961. Os livros foram fornecidos pela Gulbenkian, mediante protocolo. Após o 25 de Abril, a vocação literária dos dirigentes levou-os à concretização de um projecto com outra profundidade. Depois de terem levado os livros

aos que já sabiam ler, era agora altura de ensinar a ler. Para o efeito, funcionou nas instalações da colectividade uma escola de alfabetização. Em 1995, por motivo de obras no salão, a direcção suspendeu a biblioteca.

Nos anos 50 o teatro faz a sua aparição no clube. Ainda se encenaram algumas peças, mas o grupo acabou por extinguir a sua actividade. No princípio da década de 90 o teatro regressa ao chinquilha como secção. Aderiram ao projecto 14 jovens, que levaram-se à cena diversas peças infantis, entre as quais uma sobre o Natal. A preocupação em alertar e esclarecer as pessoas para determinados problemas sociais, levou a secção a encenar a peça “A Droga”. Além das representações nas Arroteias, o grupo actuou no Barreiro, Moita e Alhos Vedros. Em 1996, altura em que começam as obras na sede, o teatro cessou a sua actividade.

Funcionou no Chinquilha, entre 81 e 85, uma secção de espeleologia. Fizeram-se diversas explorações à Serra da Arrábida e caminhadas de orientação. O grupo, constituído por 18 elementos, tinha como objectivo a proximidade com a natureza.

O Atletismo também atingiu notoriedade no Chinquilha. Em 1984, pela comemoração do seu aniversário, na meia maratona, mais de 1000 atletas se apresentaram à prova. Em 1985, numa organiza-



Encontro de Jogo do Pau.

ção já conjunta com o Inatel, novamente as participações ultrapassaram o milhar de atletas. Movimentação tão significativa de atletas traz o seu trabalho, por vezes difícil de controlar por uma colectividade. Em 1986 já não se realizou a prova.

A ginástica de manutenção, para senhoras e jovens, iniciou-se em 1991. Todos os praticantes têm seguro.

Os desportos de combate através do Kick-Boxing, também marcaram presença destacável na colectividade, nos anos 90, chegando mesmo o Clube a possuir um campeão nacional de juniores.

O melhoramento das instalações e das

condições a oferecer aos sócios sempre foi uma preocupação permanente nas várias direcções que passaram pelo Clube. Para melhor gerir os seus interesses, o Clube Recreativo Sport Chinquilha Arrotense passou de inquilino a proprietário, adquirindo a sede. De salientar que a direcção da altura só saiu após a resolução completa do negócio, com as contas todas pagas. Diversas obras tem realizado o clube ao longo da sua história, sempre com a colaboração estimada dos associados. Em 1981, a direcção do clube decide fazer obras de ampliação do rés-do-chão, com a intenção de aumentar o salão. Em 1984

edificam o primeiro andar, ficando com mais espaço para dinamizar outras secções. Em 1996 faz-se novo levantamento do primeiro andar, que havia ficado baixo na primeira intervenção. A obra, que rondou os 7500 contos, foi realizada com os apoios da DGOT e da Câmara Municipal da Moita. Em 1997, a direcção volta a fazer um pedido de subsídio e consegue verbas no valor de 6000 contos, para acabamentos na sede. A Câmara da Moita fez o projecto das obras. Desde 1993, altura em que se decidiu amealhar para as obras de ampliação e conservação da sede, concorreram na angariação de fundos os corpos gerentes constituídos pelos seguintes elementos: de 1993 a 1997, na Mesa da Assembleia Geral, João Manuel de Jesus Lobo (presi-



Popular das Arroiteias com carroça adornada.



Carro adornado para o cortejo de oferendas.



Jogo do chinquilha na sede.

dente), Jesuíno Rafael Pereira Coelho (vice-presidente), Manuel Joaquim Nunes (secretário) e Amílcar (secretário), no Conselho Fiscal, Manuel Joaquim Caldeira (presidente), Manuel da Silva Rodrigues e Jaime Marreiros Jorge, na Direcção, Manuel Joaquim Rafael Almeida Graúdo (presidente), Rogério Jorge Cardoso (vice-presidente), João Pinho Lavrador (tesoureiro), Lídio Manuel Faquinha (1º secretário), José Nunes Beira (2º secretário), Jorge Manuel Marques, António Jacinto Penedo, José Joaquim Moura, José Luís Graúdo e Manuel Augusto Guilherme (vogais); de 1998 a 1999, Manuel Graúdo (presidente da Mesa da Assembleia Geral),

Lídio Faquinha (vice-presidente), António José (secretário), José Moura (secretário), Manuel Caldeira (presidente do Conselho Fiscal) Jaime Jorge (vice-presidente), António Carrapiço (relator), Valter Pires (presidente da Direcção), Manuel Parreira (vice-presidente), João Lavrador (tesoureiro), António Coelho (1º secretário), António M. David (2º secretário), António Felix, Francisco Manuel, Manuel J. Graúdo e Artur Freire (vogais).

O Rancho

Depois de uma primeira participação, em 1954, no Cortejo de Oferendas, organizado pela Misericórdia de Alhos Vedros,



Apresentação pública do Rancho - 1969.



Desfile do Rancho.

a favor dos mais necessitados, o Clube Recreativo Sport Chinquillo Arrotense voltou a participar no Cortejo de Oferendas efectuado em 1968. Concebido como cerimónia de solidariedade, com o objectivo de angariar fundos e géneros para os mais pobres, o cortejo de oferendas constituía também um momento único de festa para toda a população, em especial para a juventude, sempre muito expansiva. Cada colectividade organizava a sua participação no cortejo, decorando carros e carroças com folhas de palmeira e enfeites de papel. Componentes essenciais do cortejo eram a parte musical e os cantares. No Clube Recreativo Sport Chinquillo Arrotense, Joaquim Libório chamou a si a orientação musical. Durante um mês ensaiou um grupo de jovens para cantar em cima do carro que representou a colectividade.

Na altura cantaram “A Ceifa”. A prestação dos cantores, destacável e preciosa, fez germinar no pensamento de alguns directores a formação de um rancho, tais foram os dotes musicais evidenciados. Corria o ano de 1969. Sebastião Marques Valente, João Marques (ensaiador) e Francisco Nunes foram as pessoas que tomaram, então, o cargo da constituição do rancho “Os Camponeses das Arroteias”. Fez-se os convites aos sócios. Aos mais novos pediu-se a necessária autorização aos pais. Em 1 de Março de 1969, após um período de recolha de danças e cantares junto dos mais idosos, fez-se o primeiro ensaio. A intenção foi compor um repertório representativo da região, que trouxesse à memória modos de vida e o quotidiano das gentes das Arroteias. Apesar de um trabalho de campo criterioso e metódico, revelando

alguma autenticidade, o folclore exibido reflectiu apenas a influência das raízes dos ensinadores. A predominância do Alentejo na produção artística do rancho é acentuada. À data da sua fundação não existia ainda a Federação Portuguesa de Folclore, organismo que orienta tecnicamente os grupos, de modo que o rancho não se vinculou às tradições da região caramela. Os trajes dos elementos eram uniformes. Saia azul escura e avental vermelho com o símbolo do clube, para as senhoras, calça preta e colete da mesma cor, para os homens.

A primeira actuação pública foi na festa de homenagem à misse de Alhos Vedros e simultaneamente misse do concelho, Maria Olinda Ramos, que integrava o rancho

como dançarina. Passada uma semana fez o Rancho a sua apresentação ao povo das Arroteias. Foi em Maio, frente à sede. A partir desta data o Rancho entrou numa rotina de actuações, nos mais diversos festivais nacionais e internacionais, de Norte a Sul de Portugal. Em 1977 participam no festival de folclore do Algarve. É nessa altura que começam a surgir divergências, no seio do grupo, que irão, mais tarde, conduzir à desvinculação do rancho relativamente ao Clube. Em 1982 o nome “Camponeses das Arroteias” é registado autonomamente, em Palmela, com desconhecimento do Clube. Consuma-se, assim, a separação definitiva. O Clube Recreativo Sport Chinquilha Arroiteense fica sem “Os Camponeses”, sem elementos, sem trajes.



Actuação do Rancho.



Reconstituição de cena de trabalho rural pelo Rancho Folclórico do Clube das Arroiteias.

Fica com um vazio. É então que um grupo de sócios, que haviam já participado no Rancho, decidem reiniciar, pela segunda vez, a tradição do folclore na colectividade. São arquitectos e responsáveis pela secção de folclore, que inclui o Rancho, Alzira Cardoso, Rogério Cardoso, João Marques, Idalino Ferreira, Marcelino Rodrigo Guerra, Francisco Nunes. Impossibilitada de utilizar o nome original, a secção decide adoptar a designação “Rancho Folclórico do Clube das Arroiteias”. O novo rancho vem com um novo espírito, enveredando por um caminho de rigor e de autenticidade

cultural. Demarca-se das primeiras influências alentejanas e vincula-se às danças e cantares da chamada “zona caramela”.

O Rancho regressa, em 1983, com uma formação de adultos e uma formação de infantis. Vítor Acúrcio é o primeiro ensaíador. Neste recomeço a Federação Portuguesa de Folclore colabora, orientando em termos de certificação da autenticidade do folclore recolhido. Alzira Cardoso fez a recolha de fotos antigas junto da população mais idosa. Com Sebastião Valente, de porta em porta, recriou um tempo e um

modo de vida. Os trajes foram feitos por Drevalina Penedo e Maria Lucília. O Rancho presta provas dessa autenticidade. O repertório recria agora, nas suas actuações, as danças e cantares típicos da região: a roda e o despique, a valsa mandada e as danças rápidas e batidas, de que se destaca:

VIRA DAS ARROTEIAS

ALHOS VEDROS É UMA VILA
LISBOA É UMA CIDADE,
ARROTEIAS É UM LUGAR,
ONDE BRILHA A MOCIDADE

ONDE BRILHA A MOCIDADE
ONDE HÁ BOAS MANEIRAS.
VOU-LHES CONTAR A VERDADE
DESTA SEGUINTE MANEIRA.

AI, ARROTEIAS, LINDO LUGAR,
TU NÃO TENS PAR, NÃO TENS RIVAL.
AI, ARROTEIAS, CANTO FELIZ, NESTE PAÍS
QUE ÉS PORTUGAL.

Ó MINHA QUERIDA MARIA,
AMOR DO MEU CORAÇÃO,
QUER DE NOITE QUER DE DIA,
FAÇO PERGUNTAS EM VÃO.

FAZES PERGUNTAS EM VÃO,
MINHA CARA SEM VERGONHA.
OS AMORES QUE JÁ LÁ VÃO
TINHAM TODOS GRANDE MANHA.

AI ARROTEIAS, LINDO LUGAR,
TU NÃO TENS PAR, NÃO TENS RIVAL.
AI, ARROTEIAS, CANTO FELIZ, NESTE PAÍS
QUE ÉS PORTUGAL.

Ó MINHA ROSA EM BOTÃO,
TENS A MANIA POR MIM.
QUANDO PASSO AO TEU PORTÃO,
NEM TÃO POUCO OLHAS PARA MIM.

QUANDO PASSO AO TEU PORTÃO,
SINTO UMA ALEGRIA TAMANHA.
QUEM ME RESPONDE É O TEU CÃO
QUE TEM UMA GRANDE MANHA.

AI ARROTEIAS, LINDO LUGAR,
TU NÃO TENS PAR, NÃO TENS RIVAL.
AI, ARROTEIAS, CANTO FELIZ, NESTE PAÍS
QUE ÉS PORTUGAL

Ó PRIMA, Ó RICA PRIMA

Ó PRIMA, Ó RICA PRIMA
QUE LEVAS NA ARREGAÇADA?
SÃO UMAS ALFACITAS
P'RA FAZER UMA SALADA.

Ó PRIMA, Ó RICA PRIMA,
Ó PRIMA, Ó LIMÃO.
Ó PRIMA, Ó RICA PRIMA,
Ó PRIMA DO CORAÇÃO.

Ó PRIMA QUE DEIXASTE IR
O PASSARINHO À REDE.
AGORA CHORAS NA CAMA
VIRADINHA PARA A PAREDE.

Ó PRIMA, Ó RICA PRIMA,
Ó PRIMA, Ó LIMÃO.
Ó PRIMA, Ó RICA PRIMA,
Ó PRIMA DO CORAÇÃO.

Ó PRIMA, Ó RICA PRIMA
QUE LEVAS QUE TÃO BEM CHEIRA?
SÃO ROSAS DO MEU AMOR
APANHADAS NA ROSEIRA.

Ó PRIMA, Ó RICA PRIMA
Ó PRIMA, Ó LIMÃO.
Ó PRIMA, Ó RICA PRIMA
Ó PRIMA DO CORAÇÃO.



Reconstituição de trajes típicos.

A tarefa de divulgação do património, que o grupo também assumiu, leva-os também a demonstrar os trajes típicos do quotidiano: traje da noiva, lavrador, traje de domingo, trabalho no campos, traje de passeio. O folclore levantado é inspirado na vida das Arroiteias das fazendas, num tempo onde a base económica e social

ancorava-se na agricultura.

A primeira apresentação pública tem lugar no Festival de Folclore de Monchique – Algarve. Em 1985, o rancho organiza o seu festival de folclore, que decorreu num anexo ao campo do CRI, Parque Desportivo S. Lourenço, hoje desactivado. Em 1999 organizaram o XV Festival nacional de Folclore – IV Ibérico.

Neste momento o Clube possui 480 associados. Desde 1 de Novembro de 1949 é sócio da Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio, com o número 631

Na sede, o Clube proporciona ainda aos sócios diversas ocupações lúdicas como o chinquilha, jogo de cartas, snooker, dominó, entre outros.



Salão Sebastião Marques Valente.



Sede.



CLUBE RECREIO E INSTRUÇÃO

O Clube Recreio e Instrução foi fundado no dia 15 de Agosto de 1915, com os seguintes fins: “propagar a instrução literária e musical por meio de saraus musicais e dramáticos, conferências literárias e científicas e de um gabinete de leitura e respectiva biblioteca.”; “A instrução literária será ministrada por uma escola pelo mesmo clube e por ele subsidiada, que será frequentada pelos sócios, filhos, irmão e orfãos.”, “Proporcionar aos sócios, jogos autorizados por lei e quaisquer outros divertimentos...”. Alfredo José Guilherme foi o primeiro presidente da Direcção. Para presidente da Assembleia Geral foi eleito o sr. Francisco D’Oliveira Noronha. Outros

fundadores do Clube foram António de Oliveira Carvalho, Carlos Jonnorin, Francisco Marques Estaca Junior, Francisco de Azevedo, E. Fonseca, Raimundo António de Sousa, Valentim Marques, Francisco Simões, Carlos de Azevedo e Francisco Marques. A quota mensal era de \$10.

A primeira sede do Clube Recreio e Instrução de que há memória foi uma edificação no que hoje é a Rua Arnaldo Cortiço e que na altura se terá chamado Rua do Castelo. Seguidamente o CRI passou para a Rua Cândido dos Reis.

Uma das referências culturais do clube é o “Oriente”, jornal que começou a ser editado em 1922, dirigido por Crisóstomo



Jornal "O Oriente".



Direcção do CRI em 1925, da qual faziam parte alguns sócios fundadores.



Campeão de série nos primeiros Jogos Juvenis da Moita - 1969.

Em cima: Manuel Azevedo, Becas, Croca, Eduardo, Carlos Lázaro, Toíta e Filipe.

Em baixo: José Augusto, José Rosa, Chico Armando, Pedro Albano e Urbino.

Sales Grade, e do qual saíram apenas 12 edições. Pelo seu conteúdo, o “Oriente, apresenta-se hoje como um documento fundamental à análise da vida social da época. O jornal, quinzenário, do qual

saíram apenas doze números, era vendido a \$15. Em 1999 a Direcção do CRI ressuscita o “Oriente”, em formato revista, dirigido por Fernando Pires. Em poucos meses de edição o novo “Oriente” captou a atenção da população alhosvedrense, que volta a descobrir a paixão pelo Clube.

Ao longo das três décadas seguintes, o CRI desenvolveu uma obra importante em prol da instrução, recreio e cultura da população alhosvedrense. Possuiu uma escola de esperanto, dinamizada pela família Paula. Aníbal Paula, homem culto apesar de ter apenas a 4ª classe, ensinou história, inglês e francês. A polícia política, através de denúncia, prendeu-o e acabou com a sua actividade de ensinar. Funcionou também uma notável biblioteca. Possuiu o CRI, logo no início da sua actividade uma escola onde era ministrada a instrução escolar.

O futebol no CRI tem a sua génese nas diversas equipas de futebol que existiram em Alhos Vedros, nos anos quarenta, e que se foram integrando na colectividade. O “Graça”, o “Bonfim” e o “União”, foram algumas das equipas que se extinguíram, agregando-se, depois, no CRI. Naquele tempo jogava-se no campo da Caldeira. A cabana do sal funcionava como balneário. Mais tarde, os “Negaças”, equipa fundada em meados dos anos sessenta, também foi decisiva para a consolidação do futebol



Equipa de juniores do Clube Recreio e Instrução que disputou a 1ª Divisão Distrital em 1998. Em cima: Américo Marques, João Gaspar, Bruno, Mário, Pacheco, Espadinha, André, Fábio, Tiago, Emanuele, Ruben, David Menezes (Treinador). Em baixo: Paulo César, Alexandre, Carrilho, Edmilson, Luís, Margalhau, José António (Massagista), Ricardo, Vinagre e Paulo.



Equipa de seniores do Clube Recreio e Instrução que disputou o Regional da 2ª Divisão da AFS no ano de 1974/1975. Em cima: Eusébio, Lisboa, Casimiro (Treinador), João Manuel (Cap.) Abílio, Manecas, Jorge e José Ramos (Director). Em baixo: Nelson, “Xana”, “Toíta”, J. Inácio, Orlando e Lavrador.



A equipa do Clube Recreio e Instrução que disputou o Regional da 2ª Divisão da AFS no ano de 1978/1979, e vencedora da sua série. Em cima: Loureiro, João Manuel, João Sequeira, Toninho (Treinador), José Augusto, “Xana”, Arnaldo, Feijão, Vitor e Leitão. Em baixo: “Almada” (Or. Técnico), Joaquim Correia (Director), Eusébio, (Massagista), Elias, Abílio, Orlando, Fernando, Gaspar, Mário, Helder (Roupeiro) João Mendonça e José Ramos (Directores). Atletas da equipa mas ausentes na foto: Nélio, José Pedro, Noémio e Pires

como modalidade desportiva no CRI.

Antes de ter o seu campo no Parque de Jogos S. Lourenço, os jogos do CRI foram disputados durante muitos anos no Campo da Forca. Por negligência de uma direcção da altura o uso do campo foi perdido a favor do seu proprietário. As primeiras instalações do Campo da Forca foram umas barracas, construídas com trabalho voluntário dos sócios. Mais tarde, fizeram balneários em tijolo e cimento e instalaram um depósito de água, abastecido por um poço.

Em 10 de Maio de 1975 o Clube Recreio e Instrução ocupa o terreno onde construirá o Parque de Jogos S. Lourenço. Permanecerá nesse campo até 1997, altura em que os proprietários reclamam o uso do terreno. Sem campo de futebol e sem meios, o CRI é obrigado a desistir de alguns escalões federados, mantendo, no entanto, os juniores, que receberam na época 97/98 a taça de disciplina da Associação de Futebol de Setúbal. Ao mesmo tempo que se depara com dificuldades logísticas inerentes à falta de campo,



Desportos radicais - Ludoteca 1999.



Aula de Equitação - Ludoteca 1999.

jogando em campos emprestados por outros clubes, o CRI desenvolve também um projecto ambicioso: construir o seu próprio complexo desportivo.

O terreno para a instalação do novo campo foi cedido, em direito de superfície, pela Câmara Municipal da Moita. Foram 14000 metros quadrados, no Bairro Gouveia. O conjunto das obras do novo campo, avaliadas em cerca de 150.000 contos, vão ter a comparticipação do Instituto Nacional do Desporto, da Comissão Regional de Lisboa e Vale do Tejo e da Câmara Municipal da Moita. Depois de concluído, o campo terá capacidade para 3.700 espectadores, 700 dos quais em lugares sentados. Sob as bancadas, ficarão os balneários e outras salas de apoio, como o posto médico, a lavandaria, guarda-roupa, arrecadações, casas de banho e sala de massagens. Noutra zona, está prevista a sala da Direcção e a sala polivalente para uso social. A fachada principal irá dispor de uma zona comercial e, no exterior, haverá um parque de estacionamento para cerca de 100 viaturas. O projecto do complexo desportivo foi feito pelo Clube.

Ao longo dos anos o CRI foi especificando a sua área de intervenção, tornando-se o futebol a vocação principal. Na competição federada o CRI já chegou a concorrer em todos os escalões. De momento os seus atletas disputam apenas



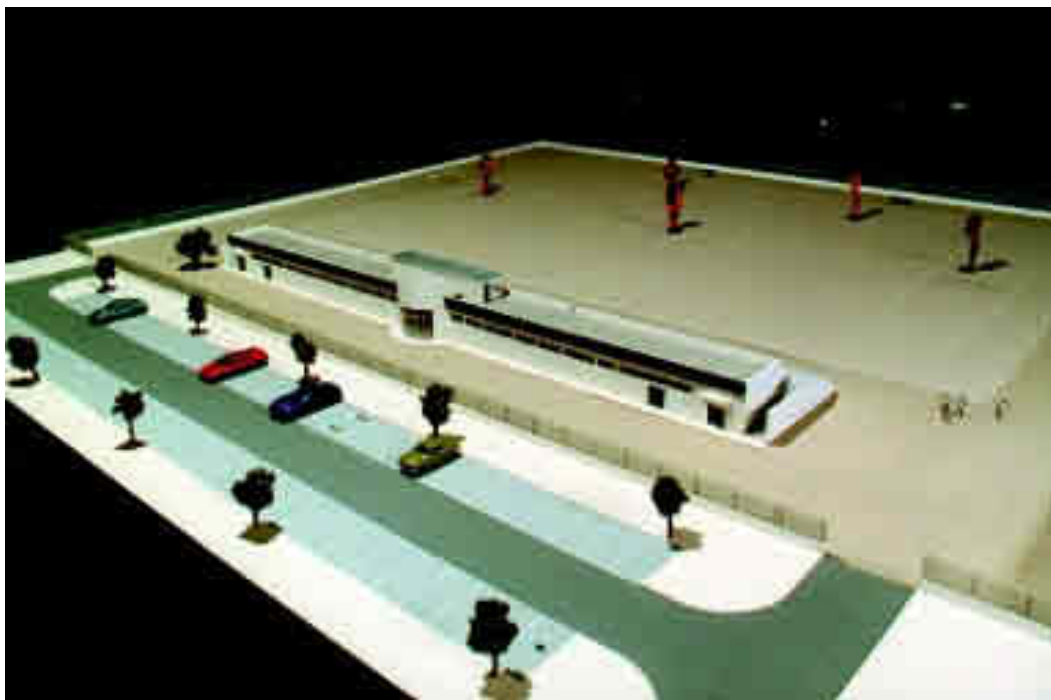
Visita ao castelo de Alcácer do Sal - Ludoteca 1999.

a 1ª Divisão Distrital, no escalão junior. Produtor de grandes talentos o CRI perde, normalmente, os seus os atletas de valor para clubes de outras posses e de outra dimensão. Desde que o futebol foi dinamizado na colectividade, já saíram jogadores para o Belenenses, Benfica, Sporting, Barreirense, entre outros.

Já se fez teatro, na sala onde hoje está a mesa de snooker . Um dos grupos cénicos que se formou no CRI foram “Os Parvinhos de Todo”, que ensaiava na “Velhinha”. Chegaram a representar em Alhos Vedros, Barreiro, Baixa da Banheira e Moita. Entre as actividades recreativas realizadas para animação dos sócios destacam-se diversos bailes, da Pinha, da Primavera e de Carnaval, além das matinés

a toque de telefonia e gira-discos.

Mas o futebol não é tudo no CRI. A nível mais geral de apoio aos sócios e à população, promoveu a Ludoteca, projecto louvável, que funciona na sede do clube, desde 1996. Logo no seu início a Ludoteca mereceu o apoio do Projecto Vida, com base num programa para crianças em risco. Através de um protocolo celebrado com a escola primária nº1 de Alhos Vedros, eram encaminhados para o CRI os alunos com problemas sociais e com falta de aproveitamento escolar. Na Ludoteca as crianças fazem os seus trabalhos escolares e, só depois, praticam jogos de mesa, pintura, artes plásticas e informática, sob a orientação de monitores e de um sociólogo. No período de Verão existem outras activi-



Maquete do complexo desportivo.

dades, nomeadamente equitação no Centro Hípico da Moita, praia, piscina, no Barreiro, campos de férias em Sesimbra, jogo do pau e desporto ao ar livre. São cerca de 30 crianças que, depois da escola, ali encontram um espaço privilegiado onde podem brincar e aprender, desenvolvendo as suas capacidades criativas e a sociabilidade. O acesso é gratuito. É, também, servido um lanche às crianças durante a sua estadia. A Ludoteca tem recebido apoios da Câmara Municipal da Moita, do Projecto Vida e do Instituto Português da Juventude.

Diversos atletas e dirigentes têm sido

distinguidos enquanto ao serviço do CRI. Na época de 97/98, João Gaspar da Chica, director responsável pelo departamento de futebol do clube recebeu o Troféu Fair Play Rádio/Baía para dirigentes. Na época 98/99, David Menezes foi contemplado com a distinção “Treinador do Ano” da Rádio Baía.

Nas épocas futebolísticas de 79/80 e 87/88 foi Campeão Distrital da 2ª Divisão, em seniores. Em juniores também foi campeão distrital.

Em 1984 a equipa de veteranos do CRI venceu o campeonato de veteranos da Associação de Futebol de Setúbal.

Os corpos gerentes actuais são constituídos por António Marques Gonçalves (presidente da Assembleia Geral) Carlos Manuel Marçal de Assunção (vice-presidente), Orlando dos Santos Carmo Júlio (1º secretário), Inácio do Rosário Ferreira (2º secretário), Artur Ferreira Gouveia (presidente da Direcção), João Manuel Gaspar da Chica (vice-presidente), Tomás Lima Coelho (1º secretário), Silvino António Pessena Lima (2º secretário), Edmundo Valente de Assunção (tesou-

reiro), Luís Manuel Gaiolas Assunção (1º vogal), António Joaquim P. Oliveira Pedro (2º vogal), Américo Manuel dos Santos Marques (3º vogal), Fernando Marques Pires (4º vogal), António Lima Coelho (5º vogal), Sandra Marisa P. França Delgado (6º vogal), Pedro Levy Lima Coelho (7º vogal), Vitor Dinis Marques Carvalho (8º vogal), Rui Jorge Lopes Antunes (presidente do Conselho Fiscal), António José Almeida Oliveira (1º secretário) e Henrique Manuel Correia Vieira (relator).





Sede provisória.



Cooperativa de Animação Cultural de Alhos Vedros

COOPERATIVA DE ANIMAÇÃO CULTURAL DE ALHOS VEDROS

Em 1983 um grupo de jovens de Alhos Vedros, fundam o Grupo de Animação Cultural de Alhos Vedros, cuja apresentação do projecto ocorreu na cave da “Velhinha”, numa sessão que contou com a presença de diversos elementos da população. Passados três anos de actividade, este grupo veio dar origem à Cooperativa de Animação Cultural de Alhos Vedros (CACAV).

Tudo começou com uma conversa de café, motivada pela preocupação do rumo cultural da Vila de Alhos Vedros. Marasmo e rotina faziam parte da realidade divisada pelos fundadores do Grupo de Animação Cultural de Alhos Vedros. A alteração do

estado de coisas e aproveitamento das potencialidades da população Alhosvedrense passava pela formação de um grupo de intervenção. A base de acção assentava em dois princípios: primeiro, ir à procura do que cada pessoa tem de mais individual e positivo, possibilitar a sua expressão criativa, tendo em vista uma valorização pessoal e humana; segundo, transformar esse contributo individual num enriquecimento colectivo.

Neste período, desferir uma “pedrada no charco” é a imagem mais concordante com o espírito de actuação do Grupo.

A primeira iniciativa foi o “I Concurso de Poesia e Desenho de Alhos Vedros”, sob

o tema : “O que é para ti o 25 de Abril”.

Inconformado com o desaparecimento do cinema de Alhos Vedros, o Grupo decide “ressuscitar” essa importante oferta cultural. Com uma máquina de projectar de 16mm e filmes alugados fizeram sessões de cinema na SFRUA, no CRI e no “café do Júlio”, que atraíram a atenção para a nova associação. A entrada era livre. No entanto, fizeram-se bilhetes para serem sorteados no intervalo das sessões. O prémio era, geralmente, um livro ou outra oferta vincadamente cultural. Durante este período passam “Delito de Amor”, de Luigi Comencini e “O Joelho de Claire”, de Eric Rohmen.

Em 1986, no Café Concerto que decorreu no Cooperativa de Crédito e Consumo de Alhos Vedros, que incluiu poesia, música e pintura, é apresentada a Cooperativa de Animação Cultural de Alhos Vedros. A mensagem dos fundadores da CACAV, manifesta no folheto do café concerto, foi a seguinte:

Agitar as águas paradas,
Romper com a rotina do dia a sai.
Comunicar, criar, fazer acontecer alguma coisa
Que nos toque...
Criar condições para transformar
O contributo de cada um
Num enriquecimento colectivo.
Vamos agitar as águas paradas.

É isso mesmo que queremos!

Por isso, decidimos passar para o papel Algumas ideias, e foi surgindo um projecto. No espaço de alguns meses, amadureceram ideias e entretanto surgiu um nome: Cooperativa de Animação Cultural de Alhos Vedros.

Os primeiros corpos gerentes da CACAV ficaram assim constituídos: Carlos Alberto Felício Correia (presidente da Mesa Assembleia Geral), Luís Filipe de Almeida Gomes (vice-presidente), Luís Carlos Rodrigues dos Santos (secretário), Armindo dos Santos Mira (presidente da Direcção), Maria Luísa de Carvalho Lopes (tesoureiro), Manuel João Croca (secretário), Maria Celeste Henrique Cantante, Lídio José Cabrita Coelho, Carlos Alberto Vardasca e Luís Manuel Lopes Mourinha (vogais), Edgar Manuel de Almeida Cantante (presidente do Conselho Fiscal), Joaquim Inácio Raminho (secretário) e Luís Paulo Fidalgo Rosa (relator).

Rádio Opção – 1986

Nos primeiros tempos, a associação não se vinculava a um programa rígido de iniciativas. Surgiam espontaneamente da disponibilidade e das capacidades intelectuais de cada um. A formação de uma rádio na associação também se inscreveu nessa forma de actuar. A regra na RO era que



Lançamento da rádio.

cada um contribuísse com a sua própria experiência.

A rádio foi um dos projectos mais aventureiros e mais meritórios realizados pela associação, tendo recebido, pela sua aceitação integral, constantes incentivos da população para crescer e prosperar. Aventureiro, porque nasceu praticamente sem grandes meios. O primeiro transmissor foi de fabrico caseiro, feito por dois técnicos. Com mais 120 contos de despesas a RO estava no ar. Como interferia com a Base Aérea do Montijo, foi selado. O segundo foi comprado. Mérito, pelas proporções que tomou a nível de aceitação no concelho. O lema da Rádio era “A sua alternativa de rádio”. Durante três anos, foi sem



Estúdio da RO.

dúvida, uma importante alternativa cultural no Concelho.

A RO funcionou nas instalações do antigo cinema de Alhos Vedros, propriedade da Cooperativa de Consumo. A instalação do estúdio requereu algumas jornadas de limpeza para remover as ruínas



Cartaz da Artes Vedros - 1992.

do cinema. No dia 12 de Abril de 1996 começou a transmitir para todo o Concelho em FM 100.5 Mhz. Abrangia uma área de 10 Km.

A festa de lançamento da Rádio Opção teve lugar em 12 de Abril de 1996, na Capela da Santa Casa da Misericórdia de Alhos Vedros.

A RO chegou a ter mais de 100 colaboradores, número considerável para um projecto não remunerado. O financiamento da Rádio passou pela quotização. 3 anos durou a Rádio Opção. Por ela passaram nomes como Helder Costa, Maria do Céu Guerra, Carlos Valente, António Vitorino

de Almeida, entre outros. A grelha era extensa e diversificada, tentando abranger todas as camadas sociais e escalões etários. A música portuguesa era prioritária. As personalidades e os temas da região, também. A falta de condições e a nova lei das rádios obrigaram a Rádio Opção a fechar, por não poder responder às exigências da legalização.

A História

A preocupação pelo conhecimento da história da região tem sido uma constante nas iniciativas da CACAV. A posição dos dirigentes da CACAV, da qual partiu a acção futura, condensou-se na seguinte frase: “Não deixar perder alguns referenciais da nossa memória colectiva”. O objectivo era recuperar a história da vila e evitar o desaparecimento das tradições. Desde a sua criação tem mostrado o seu interesse e a sua disponibilidade para comemorar o Foral de Alhos Vedros, importante evento para a Vila de Alhos Vedros e para o Concelho da Moita. No âmbito da outorga do Foral realizaram diversos programas culturais, conjuntamente com a Junta de Freguesia de Alhos Vedros. Em 1986 iniciaram-se essas comemorações, com uma edição de textos sobre História Local, um colóquio dinamizado pelo Dr. António Nabais e alguns momentos de animação musical com a



Edições da CACAV.

participação do maestro António Vitorino de Almeida, na Capela da Misericórdia de Alhos Vedros. Em anos posteriores outras iniciativas se seguiram, tais como, através do teatro, uma reconstituição da entrega do Foral na Capela da Santa Casa da Misericórdia e recital de música antiga com

os Ensemble Barroco de Lisboa. Decorreu também na cave da SFRUA uma exposição de “Fotos do Fim do Século Passado” em que estiveram patentes fatos de trabalho típico dos camponeses uma colecção de instrumentos musicais (adufes, sarroncas, violas, cavaquinhos) redes e charruas antigas, curas, rezas e receitas medicinais populares. Também ocorreu uma mostra fotográfica documental – sobre os barcos do rio, fragatas, varinos, faluas, moinhos de água e de maré.

A Arqueologia também foi uma das áreas científicas a que a CACAV recorreu para aprofundar a história de Alhos Vedros. Em 1992, organizou um campo de trabalho junto da Igreja Matriz de Alhos Vedros, no qual participaram jovens de Alhos Vedros e técnicos especializados. A iniciativa contou com o apoio do Instituto da Juventude. Foram recolhidos como espólio materiais de cerâmica, moedas e outras peças, que seguiram para análise em Almada. A conclusão retirada foi que Alhos Vedros já possuía vida comunitária por altura do reinado de D. Diniz.

Artes

Com o objectivo de divulgar e promover o trabalho que cada um desenvolve, realçar a capacidade criadora e artística existente na comunidade, e proporcionar o encontro entre as pessoas a CACAV



Noites de Lua Cheia.

organizou, em 1991, a “ARTESVEDROS”, na Praça da República. Esta iniciativa constituiu uma primeira mostra de artes, que incluiu a pintura, o artesanato, os trabalhos em cerâmica, latoaria e instrumentos musicais, efectuados por artistas da região.

Na sequência do interesse pela área de criação artística, deu-se início à concretização de um projecto intitulado: Oficina d’Artes. Constitui um espaço de aprendizagem e partilha de experiências. Está organizado em ateliers que incluem o ensino de desenho e pintura, iniciação à música, pintura de azulejaria, iniciação à fotografia, construção de equipamentos musicais e aulas de guitarra. Funciona

desde 1997 com apoio do Projecto Vida e das Autarquias

Noites de Lua Cheia

A animação cultural e social dos alhosvedrenses, seja ao ar livre ou em casa emprestada pelas outras colectividades da freguesia, constituiu sempre uma motivação da CACAV.

As “Noites de Lua Cheia” surgiram com o objectivo de proporcionar encontros culturais. “Fundar a utopia, afundar a solidão” sintetizava o espírito do evento. “Num tempo de tantas perguntas, um encontro talvez seja para encontrarmos algumas respostas escritas”, eram algumas das palavras que convidavam à Noite de

Lua Cheia com o escritor João de Melo e João Nunes, da Livraria Universo, Setúbal, no Núcleo José Afonso.

Estas “Luas Cheias” não têm data fixa no calendário, realizam-se conforme a motivação, a vontade de cada um, onde através da “magia do encontro”, se dá o lugar à poesia, à música, à pintura ou fotografia, de forma a cativar os presentes à participação, sendo em simultâneo actores e espectadores.

Em 1999 a Noite de Lua Cheia teve como tema “A Liberdade está a passar por aqui”, aludindo aos 25 anos do 25 de Abril, e realizou-se no Moinho de Maré de Alhos Vedros. Coincidiu esta iniciativa com o 13º Aniversário da CACAV. Para além da música e da poesia, teve lugar, nesta “Lua Cheia”, a edição do livro de contos (colectivo) “SONHOS”.

Solidariedade

A CACAV tem trazido a causa de Timor no coração. Desde muito cedo se tem dedicado a este assunto, estabelecendo contactos, realizando sessões.

“Timor Ser Solidário”, em 23 de Novembro de 1991, foi uma das iniciativas que decorreu com grande interesse e com uma atenção especial por parte dos órgãos de comunicação social, em virtude de ter ocorrido poucos dias após o massacre de Santa Cruz. A realização do debate

abriu, nesse dia, a emissão do telejornal da RTP1. O nosso abraço ao povo de Timor Leste! A Luta e o sofrimento deste povo, não podem ficar em vão, foi a mensagem que a CACAV teve oportunidade de passar a Portugal inteiro. O debate contou com Mário Robalo (jornalista), Vitor Nogueira (Amnistia Internacional), Paulo Pires (UDT), Luisa Teotónio (CIDAC). Durante a sessão foi passado um filme de vídeo sobre Timor e houve projecção de slides. A iniciativa culminou com uma grande “Noite de Lua Cheia”, que contou com a participação de diversos músicos e um grupo de cantares timorenses.

“Timor Liberdade e Direitos Humanos”, sessão de solidariedade, no auditório da SFRUA, foi em 1998. Entrevieram Luís Cardoso, escritor timorense e membro da resistência e um membro da Amnistia Internacional.

Em Dezembro/98, na “Noite de Lua Cheia, realizada na sala do Arroiteense, dedicada aos Países de Expressão Portuguesa, foi subscrita uma carta endereçada a Xanana Gusmão, em solidariedade para com a luta do povo timorense.

O Ambiente

No âmbito da defesa do ambiente nasceu, no seio da CACAV, o Grupo Ecológico de Alhos Vedros “Ecos da Terra”, em 6 de Junho de 1987. Tinha como



Timor Ser Solidário.

objectivo intervir sobre diversas questões relacionadas com a defesa do ambiente na região e ao mesmo tempo aglutinar toda uma corrente de opinião em torno à ecologia. No dia 13 de Agosto de 1986 uma iniciativa da CACAV, atrai a associação para a primeira página, em destaque, do Diário de Notícias. Tratou-se de uma viagem de fragata pelas águas do Tejo. “Um estilo de vida está a morrer com o Tejo” foi a mensagem que a CACAV fez passar para toda a comunidade. Promoveram um encontro sobre o estudo e preservação do património natural do Concelho da Moita, nos Paços do Concelho.

A realização e apresentação do registo vídeo sobre actividades associadas à cortiça “A Semente, A Planta e o Homem”, na fábrica Silcork, também é de destacar. Os trabalhadores da fábrica, protagonistas do vídeo, estiveram presentes na exibição.

No Dia Mundial do Ambiente, em 1992, organizaram a iniciativa “Salvar a Terra, Pois Claro”, no qual apresentaram um vídeo sobre a Reserva Natural do Estuário do Sado, realizado pelo TAJ/2. Associado ao evento houve ainda música etnográfica e tradicional de Angola, pelo Grupo Bantú, e passeio pedestre no Parque Natural da Arrábida.



Timor Ser Solidário.

O Fórum Ecológico “Ecologia para toda a vida”, em 1995, obedeceu a dois painéis. No primeiro, ecologia e qualidade de vida, tratou-se de questões globais numa perspectiva política da ecologia, como forma de possibilitar uma filosofia de desenvolvimento integrado. O segundo painel abordou o desenvolvimento integrado no nosso concelho, numa perspectiva ecológica tratou-se de questões locais e concretas tendo em conta o ordenamento do território e o actual PDM em reformulação.

No ciclo “Estudos para todos” realizou-se um debate sobre as gravuras de Foz

Côa. Foi projectado o filme “O impacto do homem”. No ciclo “Estudos Gerais” foi passado o filme “Os Bosquímanes do Deserto do Kalahari”.

Organizaram também a iniciativa “Alhos Vedros que futuro?”, que decorreu no auditório da SFRUA e teve como objectivo reflectir sobre problemas da comunidade, relacionados com a qualidade de vida e o quotidiano em Alhos Vedros. Foi uma sessão bastante participada, tendo contado com a presença de autarcas, dirigentes associativos e elementos da população em geral.

Em Maio de 1987 realizou a CACAV,



Iniciativa na Silcork: “A Semente, A Planta e o Homem”.

durante as comemorações do seu aniversário, o espectáculo mais arrojado entre todas as suas iniciativas. Foi também uma homenagem ao poeta e cantor José Afonso. O espectáculo “Em Maio vamos cantar Zeca Afonso” contou com a participação de José Mário Branco, Grupo Musical Albatroz, Grupo Cultural O. P. de Timor, Francisco Naia e João Pimentel, Francisco Fanhais, Luís Vicente, José Beira-Mar e Lourival. Paralelamente, decorreu uma exposição sobre a “Vida e Obra de José Afonso”.

A ligação ao Prof. Agostinho da Silva surgiu por acaso, através da leitura da obra do filósofo. Nas comemorações da

CACAV, em Maio de 1989, Agostinho da Silva, a convite da associação, proferiu uma conferência no Centro de Reformados de Alhos Vedros. Os contactos foram mantidos através de cartas. Em 1996 a CACAV edita um livro sobre o Prof. Agostinho da Silva, apresentado pelo escritor Fernando Acosta.

A CACAV começou à mesa de um café. Nunca possuiu instalações definitivas, pelo contrário, sempre conheceu espaços precários e transitórios. Em 1999, apesar de todo o trabalho realizado, ainda não conseguiu sede própria.

Fazem parte dos actuais corpos gerentes da Cooperativa de Animação Cultural



de Alhos Vedros: Luís Carlos Rodrigues dos Santos (presidente da Mesa da Assembleia Geral), Maria Manuela Lamy (1ª secretária), Maria Celeste Henriques Cantante (2ª secretária), João Martinho Rocha (presidente da Direcção), Joaquim Inácio Raminhos (vice-presidente), Rui Sérgio Martins Carpelho (1º secretário), João Marcos Moura Martins (2º secretário), José António Estiveira (tesoureiro), Edgar

Manuel Almeida Cantante, Leonel Gregório Limão, Pedro Miguel Nobre Enguiça, Bruno Miguel Rodrigues Lourenço, Rui Pedro Vieira, Filipe João Severino Bimba e Carlos Manuel Guerreiro Mirão (vogais), Marcos Alfredo Teixeira Martins (presidente do Conselho Fiscal), Carlos Alberto Vardasca (secretário) e Manuel João Croca (relator).



Sede.



GRUPO COLUMBÓFILO DE ALHOS VEDROS

A pós alguns anos a encestar no Grupo Columbófilo da Baixa da Banheira, José Urbano Tarouca, Joaquim Brito da Silva, José da Silva, Agostinho Moura e Pedro Aquino, decidem pela fundação de uma associação capaz de congregar todos os alhosvedrenses amantes do desporto columbófilo. O incómodo e o transtorno que representava o transporte de centenas de pombos para encestar na Baixa da Banheira e também o crescimento do número de columbófilos na freguesia de Alhos Vedros determinaria a constituição do Grupo Columbófilo de Alhos Vedros. Embora a emancipação do grupo tivesse começado a ganhar forma em 1953, só em

12 de Janeiro de 1954 se dá a fundação da associação, vendo o grupo reconhecidos os seus estatutos. Nesse mesmo ano filiam-se na Federação Portuguesa de Columbofilia, com o número 254 (desde 24 de Maio de 1950). À frente do primeiro elenco directivo, como presidente da Direcção, ficou Agostinho Moura.

O Grupo Columbófilo de Alhos Vedros teve a sua primeira sede na Rua de Damão, num espaço arrendado, que depressa se revelaria exíguo para a actividade columbófila dos seus associados. Na Rua 5 de Outubro foi instalada a segunda sede social. Com o Grupo sempre em crescendo, no número de sócios e no de concorrentes,

resolve a direcção da altura efectuar nova. Em 1987 instalaram-se no n.º 65 da Rua 5 de Outubro, ainda em espaço alugado. Em virtude do proprietário necessitar do imóvel para outros fins cedeu como contrapartida ao Grupo Columbófilo de Alhos Vedros um edifício em ruínas, na Rua de Damão, que mais tarde seria demolido para edificação da nova sede, onde ainda se encontra até esta data. Fez-se a obra com os apoios da Câmara Municipal da Moita, com o trabalho dos sócios e com a colaboração de um construtor civil local, António Pimenta, que também é sócio do Grupo. O projecto da sede foi elaborado pelo próprio

Grupo. A obra durou dois anos. No fim, ficou uma sede de dois pisos, onde funciona uma sala da direcção, uma sala de encastamento e venda de ração e um bar para convívio dos sócios.

No seu quase meio século de existência tem o Grupo Columbófilo de Alhos Vedros desenvolvido diversas e meritórias actividades de promoção e divulgação da columbofilia mantendo-se, assim, fiel aos fins consignados no Artigo 2º dos seus estatutos: “ 1º - Desenvolver a cultura dos pombos-correios e fazer a sua propaganda; 2º - Organizar treinos, concursos, exposições e conferências; 3º - Conferir prémios



Exposição sobre columbofilia.



Almoço de fim da campanha.

aos associados melhor classificados.”. A nível competitivo o grupo tem participado assiduamente nas campanhas organizadas pela Federação Portuguesa de Columbofilia, obtendo bons resultados. Na campanha de 1998, o sócio do Grupo, Sr. Alexandre Gervásio conquistou um 4º lugar em fundo (distâncias a partir de 500km), a nível distrital. Em categoria standard, António Júlio, em 1982, foi campeão nacional. Através dos irmãos Fernandes, o Grupo Columbófilo de Alhos Vedros também conseguiu o apuramento para a Exposição Ibérica em Leon, em

1998. Na campanha de 1999 concorreram 17 sócios, que enviaram à competição 377 pombos. Para marcar os resultados deste universo de pombos o Grupo adquiriu um computador, com um programa adequado fornecido pela Associação. O carinho e o apuramento na criação dos pombos, demonstrado pelos associados do Grupo Columbófilo de Alhos Vedros tem proporcionado bons resultados nas exposições, de que é exemplo a participação na exposição distrital do Pinhal Novo onde este ano conseguiram um 1º e 2º lugar em fêmeas e 1º em machos, na categoria olímpicos, a nível distrital.

Na competição interna, a nível da colectividade, foram campeões, nos últimos anos:

1989 – Alexandre Gervásio

1990 – Virgílio e Pimenta

1991 – Alexandre Gervásio

1992 – Galamba e Galamba

1993 – Não houve campanha

1994 – Alexandre Gervásio

1995 – Francelino, Madeira e Betes

1996 – Alexandre Gervásio

1997 – Alexandre Gervásio

1998 – Rebocho e Catarino

1999 – António Augusto

No seio do Grupo a dinamização da columbofilia passa ainda pelo esclarecimento aos associados, através de folhetos informativos da especialidade, sobre a criação saudável do pombo, uma actividade onde cada um tem de ter um pouco de veterinário, de nutricionista e de treinador, para saber gerir a genética, o tipo de alimentação e estímulo adequado para fazer um bom voador.

Actualmente o Grupo Columbófilo de Alhos Vedros conta com 45 sócios e tem recenseados 2088 pombos.

De momento a grande ambição do Gru-



Corte do bolo de campeão.



Troféus de fim de campanha.



Aparelho de registos.

po é conseguir um espaço na freguesia para construção de um pombal colectivo uma vez que o crescimento urbano bem como a concepção de vida em edifícios por andares impossibilita a manutenção de um pombal.

Integram os actuais corpos gerentes, mandato 1999-2000, Virgílio Pinho Lavrador (presidente da Mesa da Assembleia Geral), António Manuel Camacho (vice-presidente) José Joaquim Paiva (vogal), José Augusto Marques Fernandes (presi-

dente da Direcção), João Manuel Urbano Dâmaso (secretário), Francelino Jesus Lopes (tesoureiro), António Mendes (vogal), Fernando Cassiano da Silva (vogal), Daniel António da Silva Estrela (presidente do Conselho Fiscal), Orlando Carmo Júlio (secretário), José Santos Marques (relator) Domingos Manuel Jóia Machado (presidente do Conselho Técnico) Rodrigo Reginaldo Guerra (secretário) e António Manuel Conceição Augusto (vogal).





Sede.



GRUPO DESPORTIVO FONTE DA PRATA

O Grupo Desportivo da Fonte da Prata teve a sua génese num conjunto de moradores que, preocupados por questões sociais de várias ordens, inerentes à vivência do bairro da Quinta da Fonte da Prata, decidiram formar uma colectividade com vista a dinamizar culturalmente a população residente. Fundaram, assim, em Fevereiro de 1994, o Grupo Desportivo da Quinta da Fonte da Prata. Em 27 de Outubro 1994 o clube foi reconhecido oficialmente. O Grupo Desportivo da Quinta da Fonte da Prata tem como fim “...a promoção cultural dos sócios, através da educação cultural, física e desportiva, e acção recreativa visando a sua formação

humana integral, encontrando-se aberto a pessoas de ambos os sexos.”. Entre os fundadores do Grupo encontra-se o Sr. Horácio Serra dos Santos, sócio nº 1. Em homenagem a este sócio os órgãos sociais do Grupo, biénio 97/98, descerraram uma placa com o seu nome na sede da colectividade.

A primeira sede do Grupo funcionou numa casa emprestada por um particular. Mais tarde, conseguiram junto do condomínio do nº 2 do bloco P da Rua António Aleixo autorização para fechar a passagem de acesso aos espaços interiores, na qual funciona agora a sede, que inclui sala da direcção e sala de convívio com bar. A



Grande Prémio de Atletismo do Grupo Desportivo da Fonte da Prata.

exploração deste último constitui a principal fonte de receitas do Grupo.

A escolha do atletismo como modalidade de eleição decorreu da dificuldade em encontrar infraestruturas para a prática de outros desportos. De entre as provas que organizam destaca-se o Grande Prémio de Atletismo “Fim de Ano”, em colaboração com a Câmara Municipal, além do Grande Prémio de Atletismo da Fonte da Prata. Participam habitualmente nos Jogos juvenis do Concelho da Moita e na Semana Cultural e Desportiva do Concelho da Moita.

As conquistas da equipa de atletismo

têm conferido grande prestígio ao clube, aumentado a sua projecção. Por equipas, venceram, em 1997, o IX Grande Prémio dos Reis do Montijo. Em 1999, venceram o VI Troféu Municipal em Atletismo Câmara Municipal do Montijo/Alcochete. Em 1998, venceram o V Grande Prémio em Atletismo da Fonte da Prata. Em infantis masculinos, em 1998, venceram o Corta Mato Regional da Associação de Atletismo de Setúbal. Em iniciados masculinos foi campeão regional três anos consecutivos, de 1996 a 1998. Como clube de iniciação têm produzido bons atletas. Cláudio Leal, que se iniciou no Clube,

chegou a representar o Maratona Clube de Portugal.

A secção de atletismo dinamiza vários escalões da modalidade: iniciados, juniores, seniores, infantis, benjamins, juvenis e veteranos. Para transporte dos atletas adquiriram, em 1998, uma carrinha de 7 lugares

No clube a malha é mais de que um passatempo. Está organizada como secção competitiva, participando em torneios no exterior e organizando os seus próprios torneios, que têm como palco o terreno frente à sede. Desde 1995, data do início

da secção, o Grupo tem alcançado brilhantes resultados na malha. Em 1996 venceram o 4º Troféu Intermunicipal Montijo/Alcochete.

Durante as festas dos Santos Populares costumam fechar e engalanar a rua da sede, animando a população com a realização de bailes e promovendo o convívio com sardinhada nocturna.

Os sucessos desportivos e a qualidade das iniciativas têm sido uma constante ao longo da curta existência do Grupo Desportivo da Fonte da Prata. Do mesmo modo, o funcionamento em instalações



Entrega de troféus.



Partida frente à Sede.

provisórias e em espaços exíguos também tem sido uma realidade permanente. Contudo, com a dinamização da nova urbanização da Fonte da Prata, que prevê a cedência ao Município de parcelas de terreno destinadas a equipamentos, o Grupo vai, certamente, conseguir edificar a sua sede e continuar com o mesmo mérito

a dinamizar desportiva e culturalmente a população da Fonte da Prata.

Nesta data o Grupo Desportivo da Quinta da Fonte da Prata possui cerca de 580 sócios, que pagam quota mensal no valor de 100\$00.

O grupo é filiado na Associação de Atletismo de Setúbal.



Homenagem ao sócio n.º 1.

Constituem os actuais corpos gerentes da colectividade: Manuel Forte (presidente da Mesa da Assembleia Geral), João Surreira (1º secretário), Carlos Quadrado (2º secretário), José Mendes (presidente da Direcção), José Quadrado (vice-presidente), Daniel Rodrigues (secretário),

Domingos Leal (tesoureiro), Cristina Pimentel (1º vogal), José Gallós (2º vogal), Manuel Alexandre (3º vogal), Pedro Pimentel (presidente do Conselho Fiscal), João Moita (secretário), Joaquim Oliveira (relator).





Sede.



GRUPO RECREATIVO E FAMILIAR

Em 1955, Lino de Almeida Leitão, Augusto dos Santos Fátia, Germano António Pires, António Delgado Nunes e António Bajanca, movidos por uma forte determinação em dinamizar culturalmente a população do Bairro Gouveia, dão início ao movimento de constituição de uma colectividade, que veio a tomar o nome de Grupo Recreativo e Familiar. A formação de um grupo de teatro foi uma das opções prioritárias assumidas pelos fundadores. Nos estatutos da colectividade, aprovados em Assembleia Geral de sócios, ficaram consagrados os objectivos e o âmbito de acção cultural: “Promover distrações aos associados e suas famílias por meio de

jogos lícitos, reuniões familiares, récitas, concertos musicais, etc.” (nº1 do artº2 dos estatutos, aprovados em 22 de Março de 1956) “... e promover quando as circunstâncias o permitirem, a fundação de um conjunto musical e a criação de uma biblioteca” (nº 2, art. 2º).

Fundado em 8 de Dezembro 1955, a primeira direcção do Grupo Recreativo e Familiar apresentou o seguinte elenco: António Delgado Nunes (presidente), Manuel dos Santos Rosa (vice-presidente), Leonardo Martins Bernardo (1º secretário), Agostinho Roque dos Santos, Lino de Almeida Leitão, Germano António Pires, Augusto Santos Fátia, Luís Tadeu, Fer-



Teatro.



Coro Infantil.

nando Viola, Manuel Oregão, Joaquim Calado.

Numa altura em que o Bairro Gouveia era apenas um conjunto de habitações dispersas foi proposto para instalação da sede social a adega de um comerciante local, António Alexandre, que a arrendou ao recém formado clube pela renda mensal de 100\$00. Posteriormente, foi também alugado o quintal, espaço onde hoje se encontram o salão e o palco. A inauguração da sede ocorreu em 14 de Julho de 1956.

Apostada em crescer e prestar os melhores serviços aos seus associados, a colectividade consegue, em 1987, da Câmara Municipal da Moita, um terreno para construção das futuras instalações. Tem cerca de 1550m² e foi gratuitamente cedido por um período de 50 anos, prorrogável por períodos de 20 anos. Neste terreno vai ser edificada a nova sede e complexo desportivo do Grupo Recreativo e Familiar, que comporta ginásio.

Entre as primeiras iniciativas levadas a cabo pela colectividade destacam-se a compra de um aparelho rádio TSF, para o qual foi formada uma comissão de fundos, os bailes da pinha e da agulha e as matinés dançantes, sempre muito animadas. A primeira competição de que há memória na colectividade foi um campeonato de jogo de cartas (sueca). Em 1957 o Grupo



Assistência durante uma sessão de teatro.

Recreativo e Familiar faz a sua excursão inaugural. O Portinho da Arrábida foi o destino escolhido pelos excursionistas. Em 1958, a pedido do pároco de Alhos Vedros, o Grupo cede a sua sala de espectáculos para uma palestra cultural sobre religião. O “Baile dos Casados” faz a sua aparição. Entretanto, o grupo excursionista organiza a sua segunda saída: Leiria. Ainda nesse ano, perseguindo sempre os fins para os quais foi criada a colectividade, a direcção avança para a fundação de uma biblioteca. Para o efeito, constitui uma Comissão Bibliotecária, que recebe como primeiro

subsídio mensal a quantia de 10\$00. A leitura de jornais era uma serviço gerido pela biblioteca. Em 1962 o subsídio atribuído à biblioteca sobe para 25\$00. Em 1974 é criada a sala de leitura da biblioteca.

Sempre acompanhando o ritmo da modernidade, abalança-se a colectividade, depois da rádio, para a aquisição de um aparelho de TV. Corria o ano de 1959. Foi, novamente, formada uma comissão própria para a angariação de fundos. 10\$00 por mês, até à liquidação total do aparelho, foi quanto a direcção teve de pagar à comissão da TV. Para abreviar o pagamento do



Estafeta Juvenil.

aparelho a direcção pôs em prática uma quota suplementar para os sócios. A primeira transmissão da TV, festejada com circunstância, teve lugar na esplanada da colectividade, no dia 10 de Junho de 1959. Festas de Natal, para os filhos dos sócios, espectáculos e cinema também se encontram entre as iniciativas regulares do Grupo. Bailes de Carnaval, da Primavera e do Balão, são admitidos na animação dançante. Compram-se discos, que vêm alargar as iniciativas de entretenimento dirigidas aos associados. Em 1960, o Grupo Recreativo e Familiar comemora o seu aniversário com um programa de varie-

dades que inclui festa de confraternização, com almoço, cavalhadas em bicicleta, matinés e soirés dançantes.

O chinquillo, por iniciativa de Alberto Filipe e Eduardo Policarpo, foi a primeira modalidade desportiva com actividade regular na associação. Como recinto de treino foi utilizada a esplanada, onde se colocaram quatro tabuleiros de chinquillo. Para treinador foi contactado José Pedro, sócio do GRF, que não usufruiu qualquer remuneração pelo desempenho. Em 1961, menos de um ano passado desde a data da introdução do chinquillo, o GRF já participou em competições. É comprada uma



Prova de atletismo.

mesa de ping-pong, alargando-se assim o leque de ofertas lúdicas aos sócios.

A luta anti-fascista também passou pelo Clube, tendo-se realizado, em meados dos anos 60, várias sessões de esclarecimento com elementos do grupo da Seara Nova e intelectuais, entre os quais António Alçada Batista. Zeca Afonso também foi presença assídua. Todos os anos o GRF comemora o 25 de Abril com um vasto programa que compreende provas desportivas, espectáculos e outras actividades culturais. No princípio da década de 70 realiza-se, na esplanada da sede, um torneio de gincana de bicicletas para os jovens. Em meados

da mesma década nasce um grupo coral infantil, que chegou a actuar numa festa de Natal na TAP, entre outras saídas.

Em 1978, a direcção promove jogos populares tradicionais, recriando a subida do pau ensebado. A peça “Um servo perigoso”, encenada pelos sócios, abre o GRF ao teatro, embora momentaneamente.

A adesão à comemoração de datas simbólicas, tem sido um marco ao longo da existência do GRF. Em 1983 o Dia Mundial da Mulher foi assinalado com uma exposição subordinada ao tema “A mulher e o seu papel na sociedade”, com um colóquio e passagem de filmes. No Dia



Desfile do curso carnavalesco na Moita.

Mundial da Árvore, o programa de celebrações abrangeu dois dias. No primeiro, organizou-se para as crianças um dia de convívio no pinhal, com jogos e piquenique. No regresso, plantou-se uma árvore. À noite, na sede, houve projecção de um documentário sobre a destruição de florestas e um colóquio sobre ecologia. No segundo, foi dada oportunidade às crianças de expandir e mostrar a sua criatividade através da pintura. A árvore foi o tema. Pela tarde, na sede, fez-se a exposição dos trabalhos. A comemoração do Dia da Juventude também já foi assinalada.

Colóquios sobre o ensino, o desemprego e a droga, além da actuação de um grupo coral, constituíram o programa. Fora do âmbito comemorativo, têm sido organizados diversos colóquios, sempre numa perspectiva de discussão e formação crítica sobre a sociedade e os problemas contemporâneos. Assim, já tiveram lugar, no GRF, um colóquio sobre futebol e outro sobre doenças cardio-vasculares, que incluiu documentários. Este último foi antecedido de rastreio da tensão arterial.

Foi o GRF pioneiro na organização de cursos carnavalescos em Alhos Vedros,

embora com algumas nuances que acentuam uma diferença ao espírito e ao visual que os cursos actuais imprimem. A decoração e a animação dos carros alegóricos incidia sobre os temas sociais do momento, conseguindo-se sátiras bem criativas sobre o estado da saúde, da economia, da política armamentista. O percurso do curso abrangia a Moita, Alhos Vedros e Bairro Gouveia. Em 1984 juntaram-se com a Velhinha para organizar o curso. Participaram com um carro alegórico e 125 figurantes. O curso saiu no Domingo. Por divergências, na 3ª feira já não saíram com a Velhinha.

Entre as iniciativas actuais do GRF destaca-se a prova de atletismo que se realiza todos os anos em Abril, incluída no

programa das comemorações do Dia da Liberdade no Concelho. Já com várias edições, a prova constitui uma realização de envergadura, que conta com a adesão de centenas de atletas, divididos em 7 escalões.

A Comissão Cultural

O 25 de Abril, que transformou radicalmente a sociedade portuguesa, acelera também a dinâmica cultural. A vontade de fazer cultura e desporto com e para as populações manifesta-se com grande intensidade nas colectividades do concelho. No GRF, quem assume a vanguarda dos novos tempos é a Comissão Cultural, cujo âmbito de acção inclui a biblioteca, as actividades desportivas e as actividades culturais.



Gincana de bicicletas.



Dia Mundial da Criança.

Formada em 1977, é constituída por José Vieira, Maria Alcina, José Rodrigues, Álvaro Carvalheira e Maria Gabriela. Pela parte desportiva, Maria Guilhermina vem também a integrar o grupo de trabalho.

Durante o período em que se manteve activa, a Comissão Cultural foi, efectivamente, a grande impulsionadora das realizações culturais no GRP.

Às crianças a comissão cultural deu uma atenção especial. Comemorou-se o Dia Mundial da Criança, Dia Mundial do Ambiente, fizeram-se visitas ao Jardim Zoológico e concursos de máscaras de Carnaval. Os filmes do Charlot também passaram no GRF. Fez-se teatro infantil, passeios ao campo e excursões. A preocupação com a segurança dos mais pequenos na estrada levou a Comissão Cultural



Festa Infantil.



Marchas Populares - 1989.

a organizar na sede aulas sobre prevenção rodoviária. Durante este período é dinamizado na associação a ginástica, o voleibol e um curso de xadrez. Passam 4 filmes na sede: “Os Camaradas”, “O Corpo Humano”, “Sangue de Condor” e “As Armas” e o Povo”. Em 1977 é editado o jornal de parede do Grupo Recreativo e Familiar. Nesta data, aos sócios é dado o prazo de um mês para leitura domiciliária. Aqueles que se atrasam na devolução dos livros incorrem numa multa diária de \$50. Em 1979 a Comissão Cultural é extinta.

As Marchas

Em 1987 têm início as marchas populares. Constituíam as marchas do GRF um autêntico festival de música, alegria e cor. Para o desfile das marchas engalanava-se a Rua António Enes, frente à sede, com arraial iluminado, atraindo a população das redondezas para ali ver evoluir os marchantes e passar uma boa noite de santos populares. Não sem muito trabalho e preparativos apurados, rigorosamente distribuídos, se realizavam as marchas. Depois da escolha dos tecidos, pelo menos durante

dois meses Maria Isabel Violas, Mariete, Carolina Gaspar e Rosária Cadete ocupavam os seus tempos livres em trabalho voluntário na confecção dos trajes. Vivina Maria e Ezequiel Nunes desenhavam as roupas e coreografavam as marchas. Os marchantes, entre marcha adulta e marcha infantil eram cerca de 85. O acompanhamento musical era proporcionado pela banda “Gaiteiros do Pinhal Novo” que ensaiavam conjuntamente. Os arcos e a ornamentação também surgiam do trabalho realizado por alguns sócios mais entendidos na arte da carpintaria.

Na altura, as marchas actuaram na Moita, Baixa da Banheira, B. Cheia, Festas

do Barreiro. As actuações não eram pagas. No entanto, paralelamente, decorria sempre um peditório para ajuda nas despesas. A Câmara Municipal e a Junta de Freguesia foram contribuintes regulares no apoio às marchas do Grupo Recreativo Familiar. As marchas do GRF foram crescendo em qualidade. No último ano da sua aparição, em 1994, as verbas e os meios envolvidos já eram consideráveis para a associação. O cansaço dos organizadores também pesou na decisão, amarga, de suspender as marchas.

Por altura dos Santos Populares o GRF fecha a rua onde se encontra a sede, animando o local com diversas iniciativas,



Marchas Populares.



Marcha Infantil.

entre as quais se destaca a Noite de Folclore, Noite Africana, bailes e fados.

O Grupo Recreativo e Familiar é associado da Federação Portuguesa de Colectividades de Cultura e Recreio, desde 16 de Maio de 1979, com o número de sócio 902. Conta com cerca de 500 sócios. Entre actividades recreativas, desportivas, culturais e outras, proporciona actualmente aos seus sócios o xadrez, damas, dominó, matraquilhos, snooker, chinquillo, jogos tradicionais, atletismo, gincana de bicicletas, aeróbica, capoeira, cicloturismo, futebol de salão, debates, espaço vídeo, espectáculos, bailes, biblioteca, fotografia, e azulejaria.

Os corpos gerentes em exercício têm a seguinte constituição: Carlos Botelho (presidente da Assembleia Geral), Jacinto Dias (1º secretário), Joaquim Correia (2º secretário), Francisco Sabino (presidente da Direcção), Oscar Pinheiro (vice-presidente), Rui Semedo (tesoureiro), Gabriela Filipe (1ª secretária), José Rodrigues (2º secretário), Heitor Raio (3º secretário), Natália Viegas, Isidro Arrais, José Pina, Carlos Cristina, Joaquim Cabrita, João Rodrigues, Amândio Arrais, Hilário Pereira (vogais), João Jordão, António Caldeira, José Rodrigues, Daniel Oliveira (presidente do Conselho Fiscal), Raul Vasques (secretário), Virgílio Cruz (Relator).



Sede.



RANCHO ETNOGRÁFICO DE DANÇAS E CANTARES DA BARRA CHEIA

Em 1973 a Comissão da Capela, que mais tarde virá a ser o Centro Sócio Cultural N^a Sr^a da Atalaíña, da qual faz parte Fernando Miguel, organiza um conjunto de actividades culturais e recreativas com vista à angariação de fundos para obras na Capela. Bailes, atletismo, futebol e ranchos folclóricos, foram algumas das iniciativas que recolheram o agrado da população da Barra Cheia. Findas as obras, findam os programas de animação. A população, contudo, reclama a continuidade das iniciativas. A formação de um rancho começa, então, a ganhar forma. É, assim, fundado, em 19 de Abril de 1980, o Rancho Folclórico de Danças e Cantares da Barra Cheia,

na sequência de uma proposta apresentada no Centro Sócio Cultural da N^a Sr^a da Atalaíña, que funcionará como secção da mesma. Na altura, na Barra Cheia, as ofertas culturais não são muitas. O surgimento do Rancho vem preencher esse vazio, colhendo a atenção de toda a população. Em 6 de Maio de 1980 o Rancho adopta a designação de Rancho Etnográfico de Danças e Cantares da Barra Cheia.

A inauguração do Rancho foi apadrinhado por Ana Maria Belo Marques, em representação da Rádio Renascença, e por José Manuel Carvalho, em representação do jornal “A Voz de Palmela”. Conta o Rancho, desde o seu início, com uma



Inauguração do Rancho.

formação adulta e uma formação infantil.

Decide o Rancho filiar-se na Federação do Folclore Português, o que acontece em 15 de Agosto de 1981. Regista-se, então, no seio do Rancho, um movimento de contestação à filiação, resultando uma cisão em que serão suspensos alguns directores e elementos do rancho, que fundarão um novo rancho na Barra Cheia. Hoje em dia as relações entre os dois ranchos estão regularizadas.

O enfraquecimento momentâneo do Rancho, derivado da saída de alguns elementos, depressa é ultrapassado em virtude da coesão dos mais fiéis ao novo projecto de autenticidade do Rancho Etnográfico de Danças e Cantares da Barra



Formação do Rancho em 1981, com o ensaiador Fernando Madeira.

Cheia, então novidade no Distrito de Setúbal. Com a inclusão e o empenhamento de novos componentes e com o esforço do grande ensaiador Joaquim Afonso Madeira, que ensaiou diariamente, o Rancho atingiu níveis de destaque em todas as suas actuações em Portugal e no estrangeiro.

A escritura pública do Rancho Etnográfico de Danças e Cantares da Barra Cheia teve lugar no cartório notarial de Palmela, em 2 de Junho de 1982, e foi publicado no D. R. n.º 202 - III - Série de 01.09.82 .

Ao longo da década de oitenta o Rancho vai consolidando a sua identidade própria, evoluindo para a autonomia em



Primeiro estandarte do Rancho.



Formação do Rancho em 1981.



Tocata do Rancho.

relação ao Centro Sócio Cultural de N^a Sr^a da Atalaíña. Em 28 de Janeiro de 1992, no cartório notarial da Moita, realiza-se a escritura de alteração aos estatutos com vista à separação do Rancho do Centro. No

entanto, ainda hoje, continua o Rancho a utilizar como sede as instalações do Centro Sócio Cultural.

Em 14 de Julho de 1993, o rancho é declarado Associação de Utilidade Pública, Dec. Lei 460/77 publicado no D. R. II-Série de 30.07.93.

Identidade e autonomia ganha também a formação infantil em relação à formação adulta, ficando deliberado, em reunião de Direcção de 22 de Fevereiro de 1999, designar a secção de folclore infantil com o nome próprio de Grupo Etnográfico Infantil de Danças e Brincadeiras Carameladas da Barra Cheia.



Reconstituição de cena de trabalho rural: Debulha do Milho.



Reconstituição: Apanha da Batata.

O objectivo inicial da formação do Rancho, determinado pelas exigências culturais da população preocupada com a animação da Barra Cheia, foi substituído por propósitos mais profundos. Não era somente dançar mas, sobretudo, representar os costumes e tradições dos “Caramelos”. Estudar e promover, a nível nacional e internacional, as raízes, o sentir, o trabalho e o modo de vida de um povo, tornou-se o objectivo principal do Rancho Etnográfico de Danças e Cantares da Barra Cheia. Cursos de formação e encontros, congressos de folcloristas e organização de Festivais de Folclore e reconstituição de cenas vivas foram algumas das iniciativas

realizadas pelo Rancho.

A autenticidade do Folclore do Rancho Etnográfico de Danças e Cantares da Barra Cheia foi conseguido com um trabalho apurado de recolha de músicas e danças junto de pessoas idosas da Barra Cheia, descendentes do povo caramelo. Não fosse a intervenção no terreno do Rancho e, certamente, muito do património cultural ficaria perdido. Ao todo, o trabalho de campo proporcionou ao Rancho a recolha de 42 músicas, incorporadas, depois, no repertório de representações. “VAMOS DANÇAR O LAMBÃO” e “DESCANTE”, foram, entre outros, alguns dos cantares que o Rancho recuperou.

VAMOS DANÇAR O LAMBÃO

VAMOS DANÇAR O LAMBÃO
AI VAMOS DANÇAR O LAMBÃO
ANDE DAÍ RAPARIGA
AI ANDE DAÍ RAPARIGA

BEBEMOS DO GARRAFÃO
AI BEBEMOS DO GARRAFÃO
UM COPINHO DE JORPIGA
AI UM COPINHO DE JORPIGA

NESTE CANTO DO LAMBÃO
AI NESTE CANTO DO LAMBÃO
NÃO JULGUES QUE EU ME FICO
AI NÃO JULGUES QUE EU ME FICO

TU BEBES DO GARRAFÃO
AI TU BEBES DO GARRAFÃO
EU BEBO DO ALAMBIQUE
AI EU BEBO DO ALAMBIQUE

BAILA MARIA NÃO PARES
AI BAILA MARIA NÃO PARES
PULA, CORRE REDOPIA
AI PULA, CORRE REDOPIA

NA GRAÇA DOS TEUS CANTARES
AI NA GRAÇA DOS TEUS CANTARES
EU HEI-DE MORRER UM DIA
AI EU HEI-DE MORRER UM DIA



Formação Infantil.



XVIII Festival de Folclóre da Região Caramela - 1999.

DESCANTE

A MODA DO VIRA
TEM GRAÇA A DANÇAR
CACHOPA CATITA
DE SAIA A RODAR

AI, AI MORENA
QUERES SER MEU PAR

A MODA DO VIRA
TEM GRAÇA A DANÇAR

SOU HOMEM LIVRE
PARA TE AMAR

CACHOPA CATITA
DE SAIA A RODAR

A MODA DO VIRA
TEM GRAÇA A DANÇAR

CACHOPA CATITA
DE SAIA A RODAR

SE EU DISSER SIM
NÃO TE VAIS GABAR

A MODA DO VIRA
TEM GRAÇA A DANÇAR

MULHER SOU HOMEM
PR'A RESPEITAR

CACHOPA CATITA
DE SAIA A RODAR

A MODA DO VIRA
TEM GRAÇA A DANÇAR
CACHOPA CATITA
DE SAIA A RODAR



Aniversário do Rancho.

Diversos foram os trajes recolhidos e reconstituídos, compreendendo o período que vai de meados dos fins do séc. XIX até à segunda década do séc. XX. Os trajes recolhidos, abrangendo um vasto leque de actividades laborais e de passeio bem como as distintas camadas da população, permitem com rigor reconstituir a vida social da época. Do património reconstituído destacam-se os trajes Domingueiro, Época de Namoro, Meia Idade, Idosos, Noivos, Romaria N^a Sr^a da Atalaia, Rendilheira de Bilros de Setúbal, Vendilhoa de Melancias de Setúbal, Leiteiros, Moleiras e Condutor de Tojo Barqueiro de Alcochete. A gastronomia, a doçaria e a medi-

cina caseira, aspectos essenciais para reconstituir o modo de vida dos Caramelos, também mereceram uma atenção pormenorizada por parte do Rancho.

Em 1981, em Alhos Vedros, o Rancho Etnográfico de Danças e Cantares da Barra Cheia organizou o seu 1^o Encontro de Folcloristas do Distrito de Setúbal. O objectivo foi despertar e formar consciências para a importância do folclore autêntico. Para o mesmo efeito, enviou o Rancho alguns dos seus elementos a seminários e encontros organizados pela Federação do Folclore Português, de que se destaca: Vila Nova de Gaia, Tomar, Lamego, Riachos, Azambuja, Sintra, Cantanhede, Setúbal,



Primeiro Festival de Folclore - 1982.

Gondomar e Pinhal Novo. Em 1990, dando seguimento a todo um trabalho de investigação e divulgação, promove o Rancho o 2º Encontro de Folcloristas do Distrito de Setúbal na Barra Cheia. Em 1993, organizou um colóquio de Folclore do Distrito de Setúbal, na Barra Cheia.

Reconstituições e exposições também constam entre as iniciativas levadas a cabo pelo Rancho, sempre na divulgação do modo de vida “Caramelo”. Desde o casamento tradicional às desfolhadas, do cozer o pão de trigo e milho aos Círios a N^a Sr^a da Atalaíña, entre outras, muitas têm sido as cenas da vida caramela que o Rancho reconstituiu. Exposições organiza-

das pelo Rancho, com utensílios agrícolas, fotografia e outros materiais, consolidam também a percepção do “caramelo”.

Diversos têm sido os festivais de folclore organizados pelo Rancho Etnográfico de Danças e Cantares da Barra Cheia, seja na Barra Cheia ou noutras terras mais próximas, mas sempre com o mesmo sucesso. Entre os festivais realizados destacam-se o Festival de Folclore Itinerante Internacional (ou Luso-Espanhol) que tomou mais tarde a designação de Festival Internacional de Folclore da Região Caramela”; e o Festival de Folclore Caramelos em Romaria que inclui a do Círio a N^a Sr^a da Atalainha na Barra Cheia.



Formação actual do Rancho.

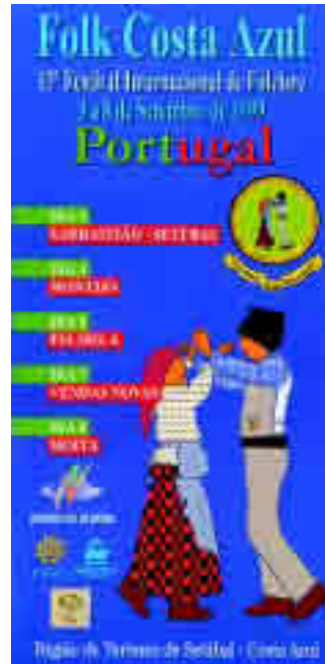
Desde 1987, e até 1998, realizou o Rancho o Festival de Folclore Internacional ou Luso Espanhol das Festas de N^a Sr^a da Boa Viagem, e o Festin, Festival Internacional de Folclore da Baixa Estremadura, iniciado em 1995. Organiza a “Semana Cultural A Tradição”, iniciativa que tem como objectivo divulgar as actividades culturais e recreativas regionais e a gastronomia local. Em 1982, iniciou o Festival de Acordeão, que se realizou até 1991. Em 1999, após um interregno de oito anos, o Rancho retomou a organização do Festival de Acordeão.

Desde a sua inauguração, o Rancho Etnográfico de Danças e Cantares da Barra

Cheia tem sido um verdadeiro emissário do folclore da região caramela, participando em inúmeros festivais dentro e fora do país. Espanha, França, Alemanha, Bélgica e Itália, contam-se entre os países que já receberam as actuações do Rancho.

O intercâmbio entre culturas tem sido uma vertente que o Rancho sempre cuidou, procurando, desse modo, não apenas conhecer o folclore de cada região, mas, sobretudo, divulgar a riqueza dos costumes e tradições dos caramelos. Na sequência do intercâmbio o Rancho já recebeu grupos de 28 países da Europa, Ásia, América do Sul e América do Norte.

Os actuais corpos gerentes do Rancho



Etnográfico de Danças e Cantares da Barra Cheia, biénio 1999/2000, são constituídos por: Padre Carlos Fernando Póvoa Alves (presidente da Assembleia Geral), Maria Antónia Caldeira Felix (1º secretário), Rui Manuel Santos Pereira (2º secretário); Manuel Fernando dos Santos Miguel (presidente da Direcção) Ana Maria Ribeiro Fernandes Miguel (secretária), Olinda

Santos Botas Nora (tesoureiro), Manuel Francisco Miguel (1º vogal), Rosa Lina Miranda Borges (2º vogal), Joaquim Jerónimo Raposo (3º vogal), Mariana Teresa Falé Guerra Raposo (4º vogal); Rosa Maria Gonçalves dos Santos (presidente do Conselho Fiscal), Rosa Sofia Soares Teles (secretário), António dos Santos Gaitero (relator).





Sede.



RANCHO FOLCLÓRICO FAZENDEIROS DA BARRA CHEIA E ARREDORES

Em Agosto de 1981, divergências várias relativas à gestão e orientação técnica do Rancho Danças e Cantares da Barra Cheia provocam uma cisão na formação adulta. No grupo de pessoas que se afastou, discordantes com o repertório, no seu entender desenquadrado dos costumes da região, encontravam-se Joaquim Marques Rolo, Manuel Costa, António Ribeiro Sol Posto, Hermínio Miranda Costa, António Manuel Miguel Ratinho, António Fernando Marques Rolo, Paulo Manuel Gomes Cunha e João Manuel Marques Rolo, que fundaram o Rancho Folclórico Fazendeiros da Barra Cheia e Arredores.

Na formação do novo rancho desco-

brimos motivos como o gosto pela música e o prazer em dançar mas, também, uma vontade enorme de preservar os costumes e as tradições da região. De salientar que a representação fiel da tipicidade das gentes da Barra Cheia foi assumida por inteiro pela associação, ficando consignada nos estatutos: “O Rancho Folclórico Fazendeiros da Barra Cheia e Arredores tem por fim principal a recolha e divulgação do folclore da região”. Trazer à memória os modos de vida e o quotidiano de outros tempos foi a homenagem que o grupo quis prestar a toda a população.

O início da actividade é marcado pelo levantamento cultural e pela constituição



Formação do Rancho na data do seu primeiro aniversário.

do repertório de danças e cantares. Junto dos habitantes mais idosos fez-se um trabalho de recolha de músicas e letras tradicionais. Cumprindo uma meta de rigor, a direcção do rancho chegou mesmo a fazer deslocar os anciãos até ao local dos ensaios para apreciarem o trabalho desenvolvido e corrigirem, se oportuno, as coreografias. De entre as diversas danças e cantares, destacam-se o Verde Gaio, Cigorra, Vira da Região, e Fandango. Os trajes exibidos pelas formações do Rancho, adultos e infantis, num total de 40 pessoas, foi outro dos aspectos que mereceu um trabalho criterioso de reconstituição. Nas suas actuações, o Rancho exhibe o traje de

noivos, traje de campinos da lezíria e traje de campinos de gala, lavrador rico, trabalhadores rurais, domingueiros, entre outros. O primeiro director técnico foi o Sr. Vicente, das Lagameças, que esteve à frente do Rancho durante três meses. Depois deste, e até esta data, Joaquim Rolo assumiu os destinos artísticos do Rancho.

No princípio não havia local para ensaiar, nem trajes. Os únicos meios eram humanos, homens e mulheres dispostos a criar cultura e a promover a região. Foi o Sr. Marques Valente quem cedeu um espaço, o “Casão”, para os ensaios e para as actuações do Rancho. A primeira apresentação do rancho decorreu no espaço

frente ao “Casão”, em 30 de Janeiro de 1982, e contou com a participação de 12 ranchos do Distrito de Setúbal. Permaneceu o Rancho mais dois anos no “Casão”. Durante esse período, organizou 2 festivais nacionais de folclore.

Do vasto património cultural levantado pelos dirigentes do Rancho destacam-se os seguintes cantares:



Traje de Gala de Campino e Leiteira.

LARANJINHA

I

A LARANJINHA É REDONDA
É REDONDA E JOGA JOGA
PARA CANTAR E BAILAR
A NORA DA MINHA SOGRA

II

A NORA DA MINHA SOGRA
A FILHA DA MINHA MÃE
A LARANJINHA É REDONDA
É REDONDA E JOGA BEM

III

LARANJINHA AO ÁR
QUE CAÍU CAÍU
NUM REGATO DE ÁGUA
NUNCA MAIS SE VIU

IV

NUNCA MAIS SE VIU
QUE DESAPARECEU
LARANJINHA AO ÁR
QUE CAÍU MORREU

VIRA DE QUATRO

I

O VIRA DE QUATRO
É BOM DE DANÇAR
ANDA LÁ MARIA
SE QUERES SER MEU PÁR

II

SE QUERES SER MEU PÁR
SE QUERES SER MEU BEM
Ó VIRA DE QUATRO
EU TE QUERO BEM

III

TOMA LÁ DÁ CÁ
DÁ CÁ TOMA LÁ
O MEU CORAÇÃO
ARRECADADO LÁ

IV
O MEU CORAÇÃO
É DE PEDRA DURA
É COMO A LARANJA
QUANDO ESTÁ MADURA

V
QUANDO ESTÁ MADURA
QUANDO CÁI NO CHÃO
É UMA LARANJA
O MEU CORAÇÃO

VI
TOMA LÁ DÁ CÁ
DÁ CÁ TOMA LÁ
O MEU CORAÇÃO
ARECADO LÁ

Alcançada a meta artística, com parti-
cipações brilhantes em diversos festivais,

em Portugal e no estrangeiro, a direcção
do Rancho avança com a iniciativa da
edificação de uma sede social própria. No
horizonte da direcção perspectiva-se a
aquisição de terreno para construção. No
entanto, após alguns contactos, o rancho
consegue do Sr. António dos Santos Botas
e da Sr.^a Francelina dos Santos Bica, em
1983, a doação do terreno onde veio a
erguer a sua sede. O Sr. Proença fez o
projecto, sem qualquer custo para a asso-
ciação. Com materiais de construção civil,
cedidos por construtores, e mão de obra
voluntária dos elementos do Rancho e
outras pessoas amigas, deu-se início à



Traje de Lavradeira Rica e traje Domingueiro.



Traje de Trabalho de Campino e de Camponesa.

construção da sede. Em Agosto de 1985, depois de alguns peditórios junto da população, festas, quermesses, largadas de touros e bailes, para a angariação de fundos, mais as receitas proporcionadas pelas actuações do Rancho, a obra estava pronta. Nesse ano o Rancho já fez o seu festival de folclore na nova sede.

Conta o Rancho entre as suas actividades regulares, no âmbito do folclore, além de inúmeras actuações no exterior a realização de dois festivais, na Barra Cheia, que celebram a fundação e a data da primeira apresentação. Na sede da associação são proporcionadas aos sócios todo um conjunto de ocupações lúdicas que



Traje de Trabalhadores Rurais.

incluem o chinquillo, o jogo de cartas, o dominó, damas, snooker, etc.

A actual direcção do Rancho Folclórico Fazendeiros da Barra Cheia e Arredores é constituída por: Hermínio Miranda Costa (presidente da Assembleia geral), Custódio Manuel Dias e Ana Marta Paulino (vogais), Joaquim Marques Rolo (presidente da Direcção), Victor Joaquim dos Santos Rolo (secretário), António Ribeiro Solposto (tesoureiro), Luciano Dias Paulino e António Nascimento Miranda (vogais), António Fernando dos Santos Dias (presidente do Conselho Fiscal), Maria de Lurdes Fernandes Garcia Rolo e Adelino Nora Ribeiro Solposto (vogais).



Sede.



SOCIEDADE FILARMÓNICA RECREIO E UNIÃO ALHOSVEDRENSE

A Sociedade Filarmónica Recreio e União Alhosvedrense é a colectividade mais antiga do Concelho da Moita. Fundada a 2 de Agosto de 1869 por D. Manuel Sampayo e Castro (Conde de Sampayo), insere-se no amplo movimento de criação de associações que surgem na mesma altura um pouco por todo o país, fruto da vitória das ideias liberais. A finalidade da sua criação segue, assim, em traços gerais, as ideias liberais sobre a valorização e realização do indivíduo, condição forçosa para a implantação de um novo tipo de sociedade. Neste sentido, tomam as novas associações como objecto a satisfação das necessidades espirituais e intelectuais dos

seus membros, procurando a sua elevação cívica. Na SFRUA, as reuniões, palestras culturais, excursões recreativas e turísticas bem como instrução escolar com aulas de alfabetização, música, dança, jogos lícitos, são algumas das iniciativas dinamizadas que sócios e familiares podem usufruir.

Na Rua Cândido dos Reis funcionou a primeira sede da Sociedade Filarmónica Recreio e União Alhosvedrense, inaugurada em 2 de Agosto de 1871. Nesta data, entra também em actividade a banda filarmónica. Era presidente da Direcção, nessa altura, D. António de Sampayo Mello Castro (Marquês de Sampayo), filho do fundador. A Família Sampayo, compreen-



Segunda fase das obras da sede social.

dendo a importância das artes como meio privilegiado de elevação do espírito, mas expressando também a sua postura filantrópica e o gosto pelas artes, comprou muitos dos instrumentos musicais da banda. Como naquele tempo, o rio ainda era o meio de transporte preferencial, os Sampayo disponibilizaram ainda um barco para as deslocações da filarmónica. A recepção que a população de Alhos Vedros fez à banda, que tinha o espanhol D. Dominguez como maestro titular, foi triunfal, tendo-se registado no cais da vila grande animação e lançamento de foguetes. As prestações musicais da banda filarmónica da SFRUA atingem níveis de grande

nota artística, espalhando a sua fama e consolidando-se, por volta de 1906, como uma das melhores bandas do país. Com a construção do coreto na Praça da República, em 1920, aumentam as audiências às actuações da banda filarmónica.

Passa, entretanto, a sede da colectividade para a Rua 5 de Outubro. Em 30 de Março de 1929 é comprado o terreno onde estão as actuais instalações. Na altura, era presidente da Direcção o Sr. Luís da Costa; vice-presidente, o Sr. José Jorge e como tesoureiro o Sr. João Pereira Damaso. Dá-se, então, início à construção de uma nova sede, que será inaugurada em 2 de Agosto de 1932, contando com sala de espectá-



Bar da Colectividade.

culos, palco e biblioteca. Os principais empreendedores da obra foram os Srs. Pedro de Aquino, Manuel Aquino, Virgílio Pereira, João Marques Estaca e Francisco Ribeiro. De salientar que este último edifício, a partir do qual tem sido realizado sucessivas obras de remodelação e de expansão da área edificada, tem mantido sempre a sua traça original. O dinamismo das sucessivas direcções que vão passando pela SFRUA determina o alargamento das instalações da colectividade. Assim, em 1945, a sede é ampliada, construindo-se um bar, sala de jogos, gabinete de direcção, sala de ensaios e instalações sanitárias. Em 1956, a Sociedade Filarmónica Recreio e União Alhosvedrense, realizou os primeiros jogos florais.

Em 1987, a direcção, liderada por António Rato, decide avançar com o projecto da 2ª fase da sede. A obra é inscrita no PIDDAC, conseguindo-se, assim, boa parte do financiamento da obra. No en-

tanto, só em 1988, já sob a direcção presidida por Rui Joaquim Rosa Madeira, a direcção vê o projecto aprovado pela Câmara Municipal, que exigiu a manutenção da traça arquitectónica do edifício. Mas é em 1990, com os destinos da SFRUA a serem comandados pela direcção de João Cruz, que a obra é, finalmente, lançada. Em 2 de Abril têm início os trabalhos. Orçada em 55.000 contos, a obra teve a comparticipação da DGOT, com 31.000 contos e da Câmara Municipal da Moita, com 6.300 contos. O resto da verba foi conseguida através de um novo empréstimo e de iniciativas para angariação de fundos. Em 12 de Setembro de 1993, Sua Ex^a o Primeiro Ministro, Dr. Aníbal Cavaco Silva, inaugurou a obra. Com as novas instalações, ficou a SFRUA preparada para responder não só às exigências actuais, em termos de carência de espaços dignos para dinamizar as suas actividades culturais e desportivas mas, sobretudo, entra no



Reconstituição da Outorga do Foral a Alhos Vedros: representação da Corte de D. Manuel.



Desfile da Corte de D. Manuel, pelas ruas de Alhos Vedros.

próximo século com a certeza de poder satisfazer as exigências dos seus associados e da população de Alhos Vedros.

Medalha de Mérito

Em 5 de Fevereiro de 1993 a SFRUA é distinguida com a Medalha da Ordem de Mérito, concedida por Sua Ex^a o Sr. Presidente da República, Dr. Mário Soares, no âmbito da presidência aberta. Esta distinção, que constitui um marco histórico para a SFRUA é, sem dúvida, o reconhecimento merecido do trabalho que gerações de associativistas e associados desenvolveram desde a fundação da colectividade.

Medalha de Honra do Município

Em 30 de Setembro de 1994, chega o reconhecimento concelhio, através da atribuição da Medalha de Honra do Município pela Câmara Municipal da Moita.

Pavilhão Gimnodesportivo

Na década de 50 a necessidade de fomentar a prática desportiva dos sócios e familiares vai determinar o surgimento de um projecto verdadeiramente grandioso: o pavilhão gimnodesportivo. Para a direcção da altura tratava-se de participar activamente na acção educativa dos jovens, através das actividades físicas, como



Festa para crianças.



Visita de Sua Ex.^a o Presidente da República Dr. Mário Soares, aquando da distinção da SFRUA com a Medalha da Ordem de Mérito.

resposta aos desequilíbrios provocados pelo ritmo acelerado e pelas tensões da vida civilizada. Mas a necessidade de um espaço mais amplo e com condições para a realização de sessões culturais, sessões dançantes, teatro e espectáculos, também pesou na decisão de construir o pavilhão gimnodesportivo. Assim, lançou-se a construção do pavilhão gimnodesportivo, que é inaugurado a 19 de Outubro de 1974, com a actuação da classe de ginástica do Sporting Clube de Portugal. As inúmeras campanhas de angariação de fundos foram infrutíferas. Em Assembleia Geral de 26 de Novembro de 1971 os sócios dão plenos

poderes à Direcção para contrair um empréstimo junto da Caixa Geral de Depósitos. As obras começaram nos finais de 1971. De salientar que grande parte da realização das obras contou com o esforço voluntário dos associados, dirigidos por um mestre de obras. Apenas o telhado, em fibrocimento, não teve intervenção dos sócios. Foi colocado por uma empresa da especialidade.

Após o 25 de Abril, as prestações à Caixa Geral de Depósitos deixam de ser pagas. Em resultado dos juros acumulados a dívida cresce. É formada, então, uma comissão de fundos com o objectivo de

angariar verbas para regularizar os pagamentos com a Caixa Geral de Depósitos. Fizeram parte dessa comissão João Cruz, Manuel Gomes Esteves, Orlando Duro, Rui Madeira, Luis Gaiolas, Manuel Cardador, José Alho, que deixaram regularizada a situação económica da colectividade.

Biblioteca

Nas antigas instalações existiu uma biblioteca muito concorrida na época pelos sócios e familiares. De recordar que nesta sala existiu em tempo aulas de Esperanto,

leccionadas por Aníbal Paula e António Serafim Calérias. Na altura em que a biblioteca foi fundada os sócios pagavam de quota 4\$00. Para aceder às leituras na biblioteca pagavam uma quota suplementar no valor de 1\$00. As quotas para a biblioteca terminaram em 1971. A principal leitura procurada pelos sócios, entre todo o fundo bibliográfico disponível, era a leitura de jornais, principalmente o jornal “A República”. Com a opção de possibilitar a leitura dos jornais no bar da colectividade a biblioteca perde muita da sua frequência.



Alius Vetus.

Alius Vetus

Em 1987 a Sociedade Filarmónica Recreio e União Alhosvedrense cria, com o apoio da Junta de Freguesia de Alhos Vedros, o Grupo Coral Alius Vetus, que colheu de imediato a atenção dos mais interessados pelo canto. Projecto inovador, o Alius Vetus foi, progressivamente, colhendo a admiração da população de Alhos Vedros, tornando-se mesmo um dos emblemas culturais da terra.

O Grupo Coral Alius Vetus é, na sua maior parte, constituído por homens e mulheres, entre os 40 e 60 anos. A camada dos mais jovens, embora com menos representatividade, também aderiu. A integração no Grupo Coral passa pela

aprendizagem do solfejo e das técnicas vocais de colocação de voz, procurando-se uma situação óptima em que a voz individual é diluída no conjunto. O repertório do Alius Vetus é vasto, abrangendo espirituais negros, música sacra, Fernando Lopes Graça, época medieval, renascença e música popular portuguesa.

O primeiro maestro do Alius Vetus foi o sr. Casimiro da Silva. Actualmente, actua sob a direcção do maestro Maurício Vieira da Silva, granjeando nas suas inúmeras digressões, em Portugal e no estrangeiro, a admiração do público e conquistando com mérito um espaço neste tipo de manifestação cultural. Entre as actuações do Grupo Coral Alius Vetus destaca-se a



Escola de música.



Corso carnavalesco.

participação num desfile quinhentista em Silves, em que interpretou música da época.

O coro polifónico celebrou com a Câmara Municipal um Protocolo de Valorização e Divulgação Artística.

Possui, também, a SFRUA uma escola de música e de educação musical. A escola é dirigida aos mais pequenos, entre os 6 e 7 anos.

Corso Carnavalesco

Os bailes de Carnaval na Velhinha sempre foram muito concorridos e animados, gozando mesmo de alguma reputação fora dos limites do concelho, pela forma

tão viva e entusiasmada com que os alhosvedrenses vivem essa época particular de fobia e de diversão. Seria, pois, de esperar que disposição tão aberta para interpretar e viver o período carnavalesco gerasse, com alguma naturalidade, um movimento disposto a dar ao carnaval em Alhos Vedros uma outra dimensão, com uma participação mais abrangente e organizada e que colhesse a adesão de toda a população. O objectivo era a criação de um curso carnavalesco que contasse com as colectividades e associações, com as escolas, com os comerciantes, com os mais expansivos e também com os mais recatados. As pessoas motivadas para levar a bom termo



Confeccionando os trajes de carnaval.



Curso carnavalesco.

o empreendimento da tarefa complexa de construir um carnaval sustentado unicamente pelo potencial humano e económico da vila foram Vitor Cabral, na altura

vice-presidente da colectividade, Vivelinda Sousa, Vladimiro Sousa e João Sequeira dos Santos. Corria então o ano de 1990. Durante o Inverno a organização preparou o primeiro curso de carnaval, que saiu no ano seguinte, em 1991. Não houve tema e o desfile, feito com base na “prata da casa”, limitou-se a carros alegóricos com motivos relacionados com as secções desportivas da colectividade. Saiu também um carro representando uma gôndola veneziana e um carro com a rainha do carnaval. Todo o processo criativo e coordenação logística foi idealizada e concretizada pelos elementos da comissão, uma opção reconhecidamente proveitosa para a colectividade dada a estatura intelectual das pessoas envolvidas. O desfile foi aberto gratuitamente para a assistência, situação que se tem mantido ao longo dos anos. Houve no entanto, durante o percurso, um pequeno peditério aos transeuntes, por forma a encurtar as despesas.

A primeira edição do curso de carnaval da Velhinha não relevou da qualidade desejada pela assistência, habituada aos cursos das redondezas, que apresentavam já índices elevados de atractivo em termos de côr, alegria e música. Mas a semente estava lançada. O curso de 1991 era o prelúdio de um grande evento, que começava a passos pequenos e que estava destinado a crescer para o êxito. A vontade da



Jovens lançando serpentinas.

organização em realizar algo mais grandioso e envolvente, que cativasse a população e as forças vivas da freguesia sempre foi manifesta. Surge, assim, em 1992, o convite às colectividades da freguesia para uma organização conjunta do curso carnavalesco de Alhos Vedros. Ao desafio responde somente o Grupo Recreativo e Familiar do Bairro Gouveia, que participa com um carro alegórico e figurantes. Neste ano pertenceram à comissão do carnaval, além dos elementos do G.R.F, os seguintes elementos da Velhinha: Vitor Manuel Rodrigues Cabral, Vladimiro Ramos Sousa, João Sequeira, Baltazar Vieira, Aníbal Dias, João Rodrigo Ribeiral, Jorge

António Murtas, António Cunha, Paulo Dias, Vivelinda Sousa e Edite Cabral. A colaboração na organização dos próximos cursos não teve continuidade. A ideia de um curso carnavalesco construído com a participação de todas as colectividades e associações de Alhos Vedros esmoreceu por falta de adesão. No entanto, apesar de algumas contrariedades, que sempre surgem, o curso de 1992 apareceu já com uma certa estrutura, deixando antever um futuro promissor. Tem um cartaz, que lhe permite uma certa visibilidade. Tem um programa, que apresenta o desfile dos carros alegóricos e as fantasias. O som é instalado nos carros.



Animação do corso enche as ruas de Alhos Vedros.

Mobilizar o interesse dos alhosvedrenses e procurar o seu empenhamento na participação de um corso com uma qualidade mais apurada, com bastantes atractivos no campo da diversão, mais elaborados e creativos, e que despertasse a atenção das localidades vizinhas, era o encargo seguinte. No horizonte, perspectivava-se o lançamento de um corso que assegurasse a Alhos Vedros um lugar de projecção na longa lista dos carnavais do País. Juntaram-se então dezenas de associados, com particular destaque para a camada jovem, em torno do grande projecto do Corso

Carnavalesco de Alhos Vedros, um dos mais apelativos da região e que arrasta anualmente milhares de pessoas que ali se deslocam para viverem momentos de alegria e de euforia associados à época. A SFRUA apostou e ganhou. Em cada edição as expectativas são ultrapassadas, criando raízes profundas na população de Alhos Vedros e, em particular, nos associados da Velhinha.

No Domingo ou na terça-feira de Carnaval cerca de 450 figurantes vão desfilando e espalhando a sua alegria, contagiando e agitando a assistência, que

também se diverte com os quadros humorísticos apresentados. Mas para que o carnaval saia há todo um conjunto de preparativos que têm repercussões importantes no sucesso do corso e que ocupam as noites, por vezes também os dias, de uma equipa voluntária e dedicada responsável pelos ensaios, pela história, pelos temas musicais, pela confecção do guarda-roupa e pelas provas, pela escolha dos materiais, pela decoração dos carros alegóricos e pelas inscrições. Fazer um curso carnavalesco com a dimensão do da SFRUA não é tarefa fácil. Sem um conjunto de pessoas decididas e aplicadas como as que se encontram disponíveis para a Velhinha dificilmente qualquer curso ganharia forma. Ainda o Verão não acabou e já o afã carnavalesco tomou posse das horas e dos trabalhos de mulheres e jovens que, nas instalações da Velhinha, confeccionam as fantasias. Vivelinda Sousa, Edite Cabral, Vitália Mendes, Luísa Galvão, Stela Bárbara, Fátima Pires e Maria João Cabral são as costureiras que mais se têm distinguido na feitura das máscaras, produzindo fatos de beleza indiscutível e que dão um brilho especial ao corso. Na SFRUA o espírito carnavalesco começa logo em Setembro e arrasta-se pelo Inverno.

A animação musical é uma das componentes mais importantes para o êxito do



Os mais pequenos também vão no corso.

curso. Há que escolher criteriosamente de entre as batidas do momento aquelas que possuam um ritmo irresistível e façam vibrar figurantes e assistência. Geralmente a comissão do carnaval escolhe os temas, guiada por uma espécie de intuição, muito atenta aos sambas. Há que confiar no ritmo interior, receita que até agora se tem mantido infalível. Depois, é planear o número de carros e figurantes. Os destaques, as alas. Conceber as fantasias, escolher as cores, comprar tecidos, lantejoulas, plumas.

Em 1998 a comissão ensaiou a coloca-

ção de um arraial iluminado que conferiu um encanto especial às artérias do percurso. Decorou-se a rua com motivos do mar: peixes, conchas, estrelas do mar, etc. O cortejo, que saiu da Velhinha, passou pela Avenida da Bela Rosa, Morçoas, Rua Vasco da Gama, Rua Agostinho Neto e Rua General Humberto Delgado, e terminou na Praça da República. O som foi transmitido através de instalação sonora colocada nos postes do arraial. Em 1999 a organização pôs de lado esta opção e regressou à forma original.

Desde a primeira edição até 1998 os acessórios e as decorações dos carros alegóricos decorreram por parte da comissão em instalações cedidas pelo Sr. José Mário Cabrita. Em 1999 os carros alegóricos foram já fabricados por uma firma da especialidade, em Felgueiras.

Momento alto dos preparativos do curso é o concurso para escolha da rainha do carnaval, que desfila em carro próprio. Até 1998 a rainha do Carnaval era eleita num baile próprio que se realizava quinze dias antes da saída do curso. Em 1999 a comissão do carnaval optou por um desfile.

O curso carnavalesco é dispendioso, representa um investimento avultado que a colectividade não conseguiria comportar sem alguns apoios financeiros e algumas receitas geradas pelo próprio carnaval. A inscrição dos figurantes não carece de

qualquer taxa na forma de numerário mas, geralmente, estes contribuem sempre com um donativo. Dos apoios financeiros destacam-se os comerciantes e industriais de Alhos Vedros, Região de Turismo da Costa Azul, subsídios da Junta de Freguesia de Alhos Vedros e da Câmara Municipal da Moita, além do Governo Civil de Setúbal. Feirantes, ofertas e rifas, a venda e o aluguer dos fatos das edições anteriores também constituem receitas.

Diversos têm sido os temas que ao longo dos anos inspiraram o curso carnavalesco da Velhinha. Em 1993 as fantasias foram inspiradas nos tempos da ocupação árabe e da conquista cristã. Mouros e odaliscas baixaram, então, as armas e juntaram-se ao folgado com cruzados, cavaleiros, reis, rainhas e gente do povo cristão. Em 1994 a organização recorreu, novamente, à riqueza histórica de Alhos Vedros. O motivo foi inspirado no tempo de D. João I, com os descobrimentos e a expansão marítima. Infantes, pagens, cavaleiros, damas e figuras dos países e continentes descobertos pelos portugueses acompanharam o rei no desfile. Em 1995 o curso fez as delícias dos mais pequeninos. A temática ancorou-se nas crianças e na fantasia infantil, apresentando um desfile bem colorido composto por inúmeras personagens da banda animada infantil. A Branca de Neve e os sete anões, a Cinderela e as

fadas, o Peter Pan e os piratas, a Alice e as suas cartas, O Capuchinho Vermelho e o Lobo Mau e os Flinstones passearam-se animadamente pelas ruas de Alhos Vedros, proporcionando à assistência momentos únicos de diversão e de brincadeira. Em 1996 a organização regressou de novo à temática histórica, revisitando os impérios antigos: Egípcio, Grego, Romano e Azteca. Nesta edição, desfilaram pelas ruas de Alhos Vedros Faraós, sacerdotes, escribas, escravos, deuses e deusas gregos, legionários romanos e índios aztecas. Em 1997 o enredo foi construído em torno do

mundo das artes e do espectáculo. O desfile de “Luzes da Ribalta” conduziu o público e os foliões pelo teatro, pela dança e pelo circo, pelo cinema e pela revista. Em 1998 o mote foi “O Futuro é o Mar”, interligando-se temas associados à água como a localização ribeirinha de Alhos Vedros, a comemoração dos descobrimentos e da chegada de Vasco da Gama à Índia e a Expo’98. As lendas, com as sereias, e a mitologia, com Neptuno, o tema do ambiente e do futuro, com a preocupação pela poluição e os grandes projectos das cidades submersas e da vida humana no



Sarau de ginástica



Ginástica na rua - 25 Abril de 1999.



Sarau de ginástica.

mar, o desporto e o lazer, com a pesca, foram os motivos da fantasia. 1999 foi o ano de “O Amor está no Ar”. Nesta edição saíram 5 carros alegóricos e 450 figurantes. Romeu e Julieta de Shakespeare, Vénus, Apolo, Pierrot, Sultão e odaliscas, fadas, princesas. Neste último ano a comissão do carnaval foi constituída por Alice Correia, Almerinda Lavrador, Cláudio Neves, Edite Cabral, Fátima Pires, Graça Eusébio, João Gaspar, João Sequeira, José Luis Soares, Luísa Galvão, Maria João Casal, Paula Félix Tavares, Paula Panóias, Stela Bárbara, Telma e António Fernandes, Vitália Mendes, Torcato Mendes, Vitor Cabral, Nuno Vieira

e Carlos Cebolinho.

A brincar também se pode mostrar e reviver um pouco o passado e um curso de carnaval constituirá mesmo uma óptima oportunidade para por os mais jovens em contacto com a história. A componente pedagógica do carnaval de Alhos Vedros tem merecido uma atenção especial da organização, constituindo mesmo uma opção vinculada. É, pois, louvável a escolha de temas relacionados com a terra. As escolas, além de participarem no curso, solicitam em determinadas ocasiões os materiais à Velhinha, que os cede, para utilização em recriações históricas.

Actividades Desportivas

Actualmente, existem na SFRUA diversas modalidades desportivas ao serviço dos sócios: ginástica, patinagem, basquetebol, badminton, karate, aérobica, step, funk, abrangendo centenas de jovens. Durante as épocas desportivas participam nos diversos campeonatos regionais e nacionais obtendo muitas vezes prémios e distinções. De salientar os diversos títulos a nível nacional na área da ginástica.

Com a construção do Pavilhão Gimnodesportivo tem início a ginástica na Velhinha, sob o impulso de João Cruz. Desde a década de 70 que a ginástica é a



Jovens praticantes de Karatê-Dô.



Treino.

modalidade de eleição, sendo mesmo um berço de campeões. Nos anos oitenta chegou a ter 700 praticantes, conseguindo revelar grandes valores como o caso do Sérgio Nascimento. Nos dias de hoje a Velhinha conta com 150 praticantes de ginástica.

Na classe de competição a Velhinha possui brilhantes atletas que têm alcançado vitórias importantes no mundo da ginástica. Em 1996 o atleta Telmo Pereira, então com 12 anos, foi campeão de Portugal em esperanças na modalidade de Tumbling-Trampolins. Depois de vencer o campeonato distrital, no escalão de iniciados

venceu, seguidamente, o Regional e o Nacional. A vitória, no pavilhão da Ajuda, em Lisboa, proporcionou-lhe o apuramento para o campeonato mundial, que se realizou em Kamloops, Canadá.

Em 1998 os atletas da classe de competição alcançaram brilhantes resultados, destacando-se: Ana Fátia, campeã nacional de minitrampolim em juvenis; Vera Botão, campeã nacional de minitrampolim juniores; Jorge Santos, vice-campeão nacional de tumbling; Susana Ferreira, 3º lugar nacional de minitrampolim infantis e Telmo Pereira, campeão nacional de tumbling. A nível colectivo, a Velhinha



Torneio de Karaté-Dô.

sagrou-se campeã nacional por equipas de minitrampolim, em infantis femininos, Campeã nacional de minitrampolim em juvenis femininos. Em juvenis masculinos foi campeã nacional de minitrampolim e de duplo minitrampolim. Nesta época, aos excelentes resultados alcançados pelos ginastas da Velhinha, que conquistaram vários troféus, destacou-se, ainda, a selecção de Telmo Pereira e Ana Fatia para participarem nos jogos mundiais por idades que decorreram em Sidney, na Austrália. Competiram nas modalidades de tumbling e minitrampolim, classificando-se entre os melhores atletas do mundo, em 11º e 23º,

respectivamente. Telmo Pereira foi o terceiro melhor classificado da Europa, no seu escalão etário.

Todos os anos a Velhinha realiza o seu habitual e prestigiado sarau de ginástica, que encerra a época desportiva.

A patinagem também é dinamizada na Velhinha. A secção participa nos campeonatos de distritais de patinagem artística, em vários escalões, e organiza o seu sarau de patinagem.

Em 1995 a Velhinha dinamiza nas suas instalações a prática do Karaté Dó, estilo Shotokai. José Garcia, que também é instrutor, foi o impulsionador, aceitando a

Direcção a proposta da criação de uma secção desta modalidade desportiva, considerada também uma arte de defesa que exige muita concentração e espírito de sacrifício do atleta. O Karatê Dó na Velhinha começou com 10 pessoas mas depressa viu o seu número aumentar, pelo atractivo da modalidade. Está aberta à participação de ambos os sexos, divididos em classes etárias.

Logo no primeiro ano de existência a secção encontrou-se apta para organizar o primeiro torneio de karaté da colectividade. Foi no dia 6 de Junho de 1996, e teve a participação de cerca de 150 atletas, inte-

grando equipas de vários pontos do país.

Todos os atletas estão federados na Federação Portuguesa Karaté de Portugal. Têm participado em vários torneios da modalidade, alcançando resultados que vão de encontro às expectativas da colectividade.

Participam em campeonatos regionais e torneios. Em 1998, a Velhinha organizou, nas suas instalações, o 1º Torneio de Karaté-Dô pré-infantil/infantil .

Em 1977 a Velhinha abre a sua secção de badminton. Na SFRUA a prática de badminton é gratuita, sem qualquer despesa de materiais ou equipamentos. É



Badminton.



Sessão Solene dos 125 anos da SFRUA.

uma forma de a colectividade cativar e atrair pessoas para a modalidade. José Mário Mata é o coordenador. Actualmente praticam badminton cerca de 20 atletas federados. Em 1998, José Lopes, foi 1º em 2ªs categorias a nível nacional.

A Velhinha também é palco de torneios de badminton, realizando campeonatos abertos e outras competições. Em 1998, decorreu uma jornada do Campeonato Regional de Badminton de Lisboa e Setúbal, em primeiras categorias. José Lopes, atleta da casa, sagrou-se vencedor em singulares masculinos. Em pares masculinos, a dupla José Lopes/António Sousa

também averbou a vitória. Ainda em 1998, em Coimbra, num torneio a contar para o ranking nacional, que contou com a participação de mais de 140 atletas, vários foram os 1ºs lugares em 1ª 2ª e 3ª categorias, conquistados pelos atletas da Velhinha.

Nesta modalidade amadora têm os atletas da Velhinha alcançado prestações de evidência, constituindo mais um dos orgulhos da colectividade.

O basquetebol foi mais uma das modalidades desportivas que levaram bem longe o nome da SFRUA. Em 1994, quando disputaram o campeonato nacional de bas-



130 anos ao serviço da população de Alhos Vedros.

quetebol da 2ª divisão B, galvanizaram todo o apoio dos Alhosvedrenses para uma possível subida à 2ª divisão A.

Diversas foram as actividades culturais que existiram e ainda existem na Velhinha, entre as quais se destaca o teatro, rancho folclórico, marchas populares, noites de fados, bailes, desfiles de moda, desfiles históricos com danças palacianas. As marchas populares surgiram nos anos quarenta. O ensaiador foi o sr. Carvajal. A formação de um rancho na colectividade data dos anos cinquenta. Chegaram a

actuar no Estoril. Joaquim Afonso Madeira foi o ensaiador do grupo cénico. Representaram várias peças, algumas das quais proibidas pelo regime. De recordar, também, que a fama dos bailes da SFRUA foi ganha durante os anos da esplanada, anos sessenta. A reputação advinha do vigor da actuação dos grupos musicais, que contagiavam a assistência. João Cruz, dirigente na altura, montou a estratégia de colocar duas bandas em cada baile, ao despique, estimulando, assim, as prestações dos músicos. Por dificuldades de várias ordens,

apesar do esforço dedicado dos sócios da Velhinha, muitas das actividades foram desaparecendo. O relançamento de algumas destas actividades está a ser considerada pela Direcção actual.

Constituem os actuais corpos gerentes da colectividade: Foch Marques (presidente da Mesa da Assembleia Geral), Mário da Cruz Fulgêncio (vice-presidente), Sebastião Zambujo Guerreiro (1º secretário), Manuel Gonçalves Faquinha (2º secretário), Vitor Manuel Rodrigues Cabral (presidente da Direcção), António Manuel Pereira Fernandes (vice-presidente), Mário Fernando Roseira Dias (vice-presidente), Paula Augusta Curto Rosa (secretário-

geral), Lídio Manuel Simões Faquinha (1º secretário), Vitor Carlos Romão Bento (2º secretário), José Dimas de Carvalho Soeiro (tesoureiro), António de Sousa Castanheira, António José Martins Casaca, Carlos Manuel Santos Cebolinho, Fernando Ferreira Dinis, João Sequeira dos Santos, José António Caeiro Ferreira, Nuno Miguel Silveira Rodrigues, Paula Alexandra Firmo Panóias, Torcato Marques Mendes, António Fernandes, Hilário Pereira (vogais), João Correia da Cruz (presidente do Conselho Fiscal), Vladimiro Ramos de Sousa (secretário) e Leonel Alves (relactor).





Campo de Jogos.



SPORTING CLUBE VINHENSE

Filial n.º 129 do Sporting Clube de Portugal, o Sporting Clube Vinhense é, também, filiado na Associação de Futebol de Setúbal.

Os primeiros estatutos do Sporting Vinhense foram aprovados em 6 de Maio de 1970. À data da inscrição na Associação de Futebol de Setúbal, época 70/71, eram membros dos corpos gerentes Joaquim Ferreira (presidente da Direcção), Carlos Almeida Ribeiro, Laurentino Gonçalves Cardoso, José Francisco Duarte Silva, Gaspar de Oliveira Costa, Luís Esperança Guerreiro (presidente da Assembleia Geral), Domingos Cabrita, António Gatinho, Somingos Moreira, Henrique

Sezinando e António Galvão.

Em 13 de Julho de 1973, os estatutos são aprovados pela Direcção de Educação Física e Desporto. Em 1992 é feita uma alteração aos estatutos do clube. No n.º 2 constam os fins do Vinhense: “O Sporting Clube Vinhense tem por fim desenvolver a educação física e o desporto, promovendo a sua prática e expansão, especialmente entre os seus associados, proporcionando-lhes igualmente meios de cultura e distracção, encontrando-se aberta a pessoas de ambos os sexos.”. Tem sede na Rua 1.º de Maio, 5, Vinha das Vedras.”

Longa gestação conheceu o Sporting Clube Vinhense, fundado em 1 de Janeiro



Primeiras balizas quadradas em madeira feitas de um mastro de uma fragata.



Primeiro equipamento com as cores do clube, verde e branco ao alto.



Assinatura do protocolo com a Câmara Municipal relativo à cedência do terreno para o campo.

de 1967, data da primeira quotização. O primeiro clube que apareceu como antecessor do Vinhense foi o Grupo Desportivo Vinha das Pedras, por volta de 1952. Os

equipamentos eram camisola com listas verticais a preto e branco e calções pretos. As equipas do Grupo marcaram várias presenças ao nível dos torneios populares.

Entretanto, o clube acaba. No início da década de 60 o futebol praticado em clube regressa à Vinha das Vedras. A sede foi num anexo do quintal do Sr. “Apolinário”. Disputam, novamente, vários torneios. Mais uma vez, o clube deixa de ter actividade. As taças conquistadas ficaram expostas na taberna do Sr. Manuel João, na Rua Norton de Matos. Em 1965 um grupo de jovens, entre os quais António Firmino, João Ribeiro, Carlos Ribeiro, Albino Alves, Domingos Moura, Júlio Delgadinho, António Gatinho, Joaquim Violas, Luís Carteiro e José Fernandes, inconformados, decidem reactivar a prática do seu desporto favorito, o futebol, num espaço próprio, que não fosse um baldio, e não fossem incomodados pelos proprietários. Nesta fase fazem-se as primeiras quotizações. A quota era de 2\$50, por semana. Compram-se bolas. Joga-se no Largo da Corça. Com o aproximar da obrigação do cumprimento do serviço militar por parte dos jovens fundadores, o clube conhece a ameaça da extinção. Contudo, um grupo de pessoas já maduras, a pedido dos jovens, encarrega-se dos destinos do Sporting Vinhense. São elas: Joaquim Ferreira, Henrique Sezinando, António Raimundo, Domingos, Paulino, entre outros. Uma das iniciativas que promovem é a criação de uma sede para o clube. A sede, alugada, é a que o clube mantém actualmente. Naquela altura



Trabalho voluntário nas obras do campo.

o futebol era praticado nas salinas frente à Vinha das Pedras, durante as marés baixas. Conseguem, mais tarde, um espaço nos terrenos anexos à fábrica de cortiça Alde-miro & Mira, no Largo das Figueiras. Instalam-se, de seguida, num terreno dos Caiados. O campo é alugado. A primeira renda, de 1967, foi de 120\$00 mês. Passado algum tempo a renda foi actualizada em 3 contos por ano. Em 25 de Abril de 1989 a Câmara da Moita cede ao clube terrenos em direito de superfície, por um período de 50 anos, destinados a utilização como recinto desportivo e desenvolvimento de outras actividades.

O futebol foi a primeira modalidade do Sporting Vinhense. O primeiro jogo foi com os “Negaças” da Baixa da Serra, vitória por 4-2, no campo do Zé Torres. De início dinamizaram-se apenas os escalões mais jovens, com a participação em torneios populares que tinham lugar na Moita, na Quinta da Lomba e no Lavradio.



Campeões pelo Vinhense.

Como é da natureza dos audazes ir sempre mais além depressa se começa a pensar na competição federada. Em 1961 começam a participar nos campeonatos organizados pela Associação de Futebol de Setúbal. Mais uma vez, só os escalões de iniciados e juvenis foram contemplados. Só em 1967 disputam, na III Divisão Distrital, o escalão maior do futebol. O encontro de estreia é com o Arrentela, registando-se um empate a uma bola. Na época de 85/86 o Vinhense é campeão da III Divisão e ascende à II Divisão Distrital, mantendo-se nesta até à época em curso. Nas escolas infantis de futebol do Vinhense, deram os primeiros pontapés jogadores como o guarda-redes Sérgio, que chegou a integrar a equipa principal do Sporting Clube de Portugal, do Portimonense, da Académica, e

Nunes, que chegou a ser defesa-central do Benfica e da Selecção Nacional. Nesta data o clube participa a nível oficial com uma equipa de seniores, na 2ª Distrital da Associação de Futebol de Setúbal. Os veteranos, antigas glórias do clube, que ainda podem fazer o gosto ao pé, também estão organizados e vão praticando um pouco por todo o país o seu futebol. Para o efeito realizaram protocolos de convívio com algumas equipas, de que se destaca o Cartaxo.

Através do futebol, o clube também desenvolveu um importante trabalho de natureza social, promovendo a formação e ocupação dos jovens. O projecto “Escolas de Futebol” assentou numa base desportiva e outra social. Apoio escolar, contactos com os pais e conhecimento do meio e realidades do atleta, faziam parte das



Dia de Jogo.

acções dos coordenadores. A equipa técnica de coordenadores era constituída por José Banastrinha, coordenador de actividades de campo, José Brito, técnico de educação física, João Mestre, Vitor Rosa e Luís Cascalheira, monitores, e Madalena Costa, fisioterapeuta. Eduardo Assunção, sociólogo, preocupado com o panorama social da adolescência e juventude da zona, foi quem propôs ao Vinhense o Projecto “Escolas de Futebol”. O sector feminino da escola chegou a contar com 18 jovens. O masculino, entre 3 escalões, abrangendo dos 8 aos 15 anos, 123 jovens. Bem elaborado, o projecto conseguiu o apoio do Instituto da Juventude e do Governo Civil. De momento encontra-se suspenso, em fase de reestruturação e de procura de novos apoios.

Em 1989 é criada no Sporting Vinhense a secção de canoagem. Surgiu da vontade de dois sócios praticantes da modalidade que, perante a proximidade do Rio Tejo e as potencialidades oferecidas nas vertentes lazer e competição, se propuseram organizar uma secção de canoagem. Em 1991 a secção é filiada na Federação Portuguesa de Canoagem, com o nº 160. O projecto da canoagem no Vinhense assentou em três objectivos bases: primeiro, proporcionar aos jovens e sócios em geral a prática da modalidade; segundo, implementar a médio prazo uma escola de canoagem; terceiro, incentivar a utilização do rio no sentido da sua fruição desportiva e ambiental.

Mesmo sem preparação específica no campo da canoagem, das regras e das



Participação do Vinhense na Maratona Tejo 92.

técnicas, a modalidade avançou no Vinhense. José Banastrinha, coadjuvado por Vitor Ribeiro, Carlos Assunção e Acácio Caldeira, foram os sócios responsáveis pela dinamização da secção. Durante a existência da Canoagem como secção esteve o Vinhense representado nas principais provas do calendário nacional, através dos atletas José Banastrinha, Vitor Ribeiro, Catia Vieira, Luís Nunes, João Nunes, Paulo Antunes, Francisca Antunes e Cristina Antunes. Expressa na vertente turística, estes atletas já desceram os principais rios portugueses, como são os casos do Rio Mira, em 1989, Guadiana e Mondego, em 1991, Tejo e Arade, em 1992, Douro, em 1993, Sado em 1994, não esquecendo algumas incursões pela Canoagem de Mar.

Por equipas, o Vinhense venceu as “6 Horas de Canoagem de Almada”, com Vitor Ribeiro, José Banastrinha e João Nunes. Individualmente, José Banastrinha conseguiu o 1º lugar no I Circuito de Canoagem de Alhos Vedros, prova de Turismo Seniores, em 1994. Nesta prova, a atleta Catia Vieira alcançou, também um 1º lugar, em K1 Cadetes Femininos, e João Nunes e Luis Nunes venceram a prova K2 Turismo Seniores.

Procurando incentivar a prática da modalidade a secção de canoagem tem vindo, desde 1994, a organizar anualmente, com sucesso, o Circuito de Canoagem de Alhos Vedros, por altura das festas anuais de Alhos Vedros. Prova que, desde o seu início, mereceu o agrado de atletas e acompanhantes, demonstrado pelo desporti-



Bar do campo de jogos.

vismo e alegria manifestados pelo inúmeros participantes, os quais conferem à prova um carácter regional, faltando apenas para a sua inteira oficialização a inscrição no calendário da Federação Portuguesa de Canoagem.

Também já houve secção de pesca desportiva no Vinhense. À frente da secção estiveram Fernando Silva, Manuel Jacinto e Fernando Menezes. Vitor Neto também colaborou. O primeiro concurso organizado pelo clube foi em 1987. Inscreveram-se 20 participantes, que concorreram em 5 barcos de pesca. O segundo concurso, em 1988, já reuniu 21 barcos e 81 partici-

pantes. Ao longo da sua existência participou a secção em diversos concursos regionais. Sob o impulso de Armando Henriqueto e Acácio Caldeira, a secção atingiu, em 1991, cerca de 21 atletas, número que se tem mantido ao longo dos anos. Dinamizaram concursos de pesca na muralha do cais de Alhos Vedros e pesca de mar no estuário do Tejo.

A secção de atletismo do Vinhense fez a sua apresentação nos Jogos Juvenis da Moita, em 1986. Organizaram, em 1989, um corta-mato juvenil. Participaram em várias provas de âmbito regional, concretamente no Seixal, Montijo e Alcochete. Por falta de estruturas e apoios financeiros foi suspensa.

Desde Junho de 1999, por falta de apresentação de listas para os corpos gerentes, o Sporting Clube Vinhense é gerido por uma comissão administrativa constituída por Dionel Mota, João Zambujo, Carlos Assunção, Carlos Pereira, António José Ferro, Vitor Marques, José Silvestre e Bruno Mota.



Índice

Preâmbulo	6
Academia Musical e Recreativa “8 de Janeiro”	8
Associação Amizade Arroteseense	22
Associação de Desportos Náuticos Alhosvedrense “Amigos do Mar”	28
Centro Cultural e Recreativo União Pires	36
Clube Desportivo os Rolos	42
Clube Recreativo Sport Chinquilho Arroteseense	46
Clube Recreio e Instrução	60
Cooperativa de Animação Cultural de Alhos Vedros	70
Grupo Columbófilo de Alhos Vedros	82
Grupo Desportivo da Fonte da Prata	88
Grupo Recreativo e Familiar	94
Rancho Etnográfico de Danças e Cantares da Barra Cheia	106
Rancho Folclórico Fazendeiros da Barra Cheia e Arredores	118
Sociedade Filarmónica Recreio e União Alhosvedrense	124
Sporting Clube Vinhense	148

